

BRUNA VIVA OLIVEIRA

**A IMPORTÂNCIA DE MONTEIRO LOBATO
NA LITERATURA**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Faculdade de Educação

2011

BRUNA VIVA OLIVEIRA

A IMPORTÂNCIA DE MONTEIRO LOBATO NA LITERATURA

Trabalho apresentado como requisito para obtenção da licenciatura plena em Pedagogia, da Faculdade de Educação, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação da Prof^a Dr^a Darcy Raiça.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Faculdade de Educação

2011

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a minha família por ser um exemplo para mim e me apoiar no caminho que estou trilhando. Posteriormente, demonstro minha gratidão aos meus familiares, principalmente minhas avós cuja descendência de valores foi passada com esplêndido sucesso. Aos meus padrinhos, tidos carinhosamente como segundos pais, os quais admiro, amo e venero, atos que se propagarão eternamente. Agradeço aos meus professores que me guiaram para trilhar meu próprio caminho e sempre estiveram presentes na minha formação totalitária como um ser humano. E também aos meus amigos cujo significado em minha vida é imensurável. Agradeço a todos, por apoiarem os meus sonhos e participarem de minhas conquistas.

Este trabalho é dedicado primeiramente, à minha família. Estes que são a base de minha formação e paradigmas em todos os sentidos. Minha mãe, Hercia, que é um exemplo de mãe, pessoa e ser humano, mulher que representa meu porto seguro e sem ela, não seria metade do que sou. Meu pai, Alvaro, pessoa notória por sua garra e perseverança, cujos ideais sempre focaram a felicidade e o bem estar do próximo, homem com a melhor índole já por mim vista. Meu irmão, Gabriel, pessoa com um coração de grande pureza que, mesmo perante as desavenças, sei ser para sempre meu companheiro de vida. E ao meu avô Alvaro que está presente em minha vida, mesmo que não fisicamente e, tenho a plena convicção que, se tornou meu melhor guia e protetor. Dedico, posteriormente, para meus amigos, cuja importância em minha vida é essencial. Amigos os quais amo sinceramente e admiro pelos amigos que são, pelo caráter que possuem e pelos adultos em que se transformarão.

EPÍGRAFE

Simplesmente ler

Ler sempre.

Ler muito.

Ler “quase” tudo.

Ler com os olhos, os ouvidos, com o tato, pelos poros e demais sentidos.

Ler com razão e sensibilidade.

Ler desejos, o tempo, o som do silêncio e do vento.

Ler imagens, paisagens, viagens.

Ler verdades e mentiras.

Ler para obter informações, inquietações, dor e prazer.

Ler o fracasso, o sucesso, o ilegível, o impensável, as entrelinhas.

Ler na escola, em casa, no campo, na estrada, em qualquer lugar.

Ler a vida e a morte.

Saber ser leitor tendo o direito de saber ler.

Ler simplesmente ler.

(Edith Chacon Theodoro)

RESUMO

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre o que é a leitura em diversas concepções e os tipos existentes; a importância que a leitura tem para o mundo e para a criança e os modos com ela é introduzida no universo infantil. Perante esta introdução o enfoque feito é sobre Monteiro Lobato em diversas frentes. Sua vida como escritor, pintor, político. As suas influências no mundo da literatura adulta e infantil, enfatizando nas mudanças e qualificações desta literatura para o povo brasileiro.

A importância da leitura para a criança e os diversos meios que ela pode ocorrer. Os meios que Monteiro Lobato utilizou-se para atingir a criança e criar um mundo novo para a literatura onde a criança era personagem-participante e leitora-ativa e o que todas as suas descobertas e mudanças acarretaram para o universo da literatura. O estudo conclui que a partir da ousadia e dedicação de Monteiro Lobato a literatura rumou-se para novos horizontes, onde caracterizou-se pela imaginação, criatividade e flexibilidade do prazer em que a leitura deve proporcionar.

SUMÁRIO

Introdução.....	07
Objetivos.....	08
CAPÍTULO 1 – A ARTE DE LER	
1.1 – O que é leitura?.....	09
1.2 – Níveis da leitura.....	10
1.3 – Principais tipos de leitura escrita.....	12
1.4 – O autor e o leitor.....	13
CAPÍTULO 2 – MONTEIRO LOBATO	
2.1 – Quem foi Monteiro Lobato.....	15
2.2 – O homem e a obra.....	30
2.3 – A Junção do Real com o Imaginário.....	32
2.4 – O folclore em Lobato.....	33
2.5 – A fábula em Lobato.....	34
2.6 – O Histórico e o Mitológico em Lobato.....	35
2.7 – A linguagem lobatiana.....	35
CAPÍTULO 3 – SÍTIO DO PICA-PAU AMARELO	
3.1 – Personagens.....	37
3.2 – Pó de Pirilimpimpim.....	51
CAPÍTULO 4 – LOBATO & CIA	
4.1 – Jeca Tatu.....	53
4.2 – Obras.....	56
4.3 – Voltolino.....	60
4.4 – O escritor e pintor.....	61
4.5 – Novas ilustrações das personagens.....	64
4.6 – Álbum de fotos.....	69
4.7 – Citações.....	73
Conclusão.....	75
Referências Bibliográficas.....	76

Introdução

O tema Leitura foi escolhido pela sua importância na vida do ser humano. É um recurso primordial para o desenvolvimento e processo de formação de cada cidadão.

A leitura é um meio de comunicação, reflexão, aprendizagem, etc. Os escritores nos apresentam o mundo em sua totalidade, através das sensações, palavras, histórias, dos enigmas e o mais importante, do exercício da imaginação juntamente com a criatividade.

Um dos maiores exemplos de escritores por seu vasto conhecimento e enobrecimento na Literatura é Monteiro Lobato, que contribuiu notoriamente para o enriquecimento da Literatura, para o gosto de ler, para a importância da imaginação e para a concepção de que a criança tem necessidades especiais, lúdicas e criativas para que sua formação seja algo entusiasmante e enriquecedora. Assim tendo por justificativa a escolha do tema e assunto abordado neste trabalho.

Objetivos

Com o processo e a finalização deste trabalho, os objetivos são:

Analisar a importância da Literatura Infantil para o desenvolvimento da criança.

O esclarecimento dos tipos existentes de leitura, relevando os tipos de leitura não-escrita.

Proporcionar o maior conhecimento sobre Monteiro Lobato e a alusão que ele faz dentro da Literatura, em seus diversificados ramos.

Expor a importância de Lobato na Literatura Infantil, com ênfase em seus conceitos renovadores sobre o padrão correto de fazer literatura.

Proporcionar meios alternativos para o uso dos enfoques de Lobato na vida diária de uma criança; com a fábula, o folclore, etc.

Proporcionar o total conhecimento de quem foi Lobato, o que ele fez em vida e a repercussão de seus atos e idéias.

A ARTE DE LER

A leitura em sua expansiva concepção tem, como sua principal característica, causar no indivíduo a compreensão do mundo. Seja esta leitura emocional, sensorial ou racional. Sem a compreensão do externo seria de grande dificuldade e complexidade o entendimento do que nos envolve.

Ler é uma capacidade essencial à realização pessoal. Este ato proporciona ao indivíduo a capacidade de se desenvolver, aprender e progredir.

A leitura é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade.

Meio primordial que estabelece o vínculo base do ser humano *versus* mundo

“A metáfora da leitura solicita por sua vez outra metáfora, exige ser explicada em imagens que estão fora da biblioteca do leitor e, contudo, dentro do corpo dele, de tal forma que a função de ler é associada a outras funções corporais essenciais.”
(Alberto Manguel)

O que é leitura?

Leitura baseia-se na decifração da escrita. Existem diversas concepções de leitura, entre estas:

- Uma decodificação mecânica de signos lingüísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo-resposta. (perspectiva behaviorista-skinneriana);

- Um processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos. (perspectiva cognitivo-sociológica).

Um embate perante a leitura é o de “**decodificação versus compreensão**”. Este, o qual entende-se por contraditório, pois ambas são de necessidade primordial à leitura. A compreensão sem a decodificação é notoriamente impossível, como a decodificação sem a compreensão é inútil.

Portanto, a leitura baseada na decifração da escrita consiste também, na compreensão deste relacionado à situação do leitor. É de total aceitação que a Leitura tem sua realização, a partir do *diálogo* do leitor com o objeto lido – seja escrito, sonoro, seja um gesto, uma imagem, um acontecimento. Aderindo tais concepções, a Leitura não diagnostica um analfabetismo, se assim ocorre sua definição. Analfabeto não tem o conhecimento necessário para a realização da leitura escrita e da grafia, porém executa as leituras de imagens, sons, gestos e movimentos.

Níveis da leitura

No ato de ler, feito na maioria das vezes automaticamente, o leitor faz passar despercebido o funcionamento do ato que teve. Entretanto, se feito o pedido de observação no ato de pensar, o leitor decodificará três níveis básicos de leitura.

Estes são: *sensorial, emocional e racional*.

Um exemplo a ser utilizado é quando um indivíduo depara-se no shopping. Este, ao andar pelo estabelecimento e visualizando lojas e afins, as sensações, emoções e pensamentos serão logo detectados. As coisas vistas serão lidas ao seu modo. Alguns sentirão a vontade de tocar, outros de manusear para a maior compreensão e/ou conhecimento deste, alguns se contentam com apenas a leitura visual, outros precisam da leitura através de toques, etc. Esta leitura dada como exemplo aplicará, mesmo inconscientemente, o raciocínio no modo que o objeto foi feito, seu material, como e qual o motivo de usá-lo.

Nestes casos dá-se fundamento para a leitura ligada aos *sentidos, emoções e intelecto*.

Leitura sensorial

Esta é a leitura tida de início, que nos acompanha na vida. Não importa se simultânea com as outras.

Dentre esta abordamos a visão, audição, tato, olfato e paladar, aderindo a ela os cinco sentidos. A leitura sensorial caracteriza o indivíduo em sua descoberta do

universo. Não necessita de estudo, mas sim de um aprendizado obrigatório para a sobrevivência no mundo. Também se liga totalmente as nossas vontades, gostos e escolhas.

É responsabilidade dessa leitura, o conhecimento ao leitor de seus gostos, sem necessidade de racionalizações, justificativas, apenas porque impressiona os órgãos dos sentidos.

Leitura emocional

Tem por sua base a ligação total com os sentimentos. Nesse meio o controle não é obtido pelo leitor, já que há a completa ligação com o seu inconsciente. Essa é a leitura mais comum de quem gosta de ler, talvez a que dê maior prazer.

Coisas, ambientes, situações, relatos, imagens, acontecimentos, pessoas, caracteres ficcionais ou não, têm o poder de estimular nossas fantasias, libertar emoções. Ligada diretamente a esta leitura encontramos a imaginação.

Um grande exemplo de leitura emocional é o fato de que em algumas pessoas uma cena de amor exibida em um filme cause emoção a ponto de proporcionar a emotividade, que pode ser expressa de diversos modos, por exemplo, num choro, tristeza, felicidade, etc. A emoção é muitas vezes escondida pelos que a sentem, isto pelo motivo de que existe na sociedade a vergonha de expressar sentimentos e emoções.

A leitura emocional, como a sensorial, não precisam ser ensinadas, uma vez que todos nascemos capazes de sentir.

Ela tem o poder de marcar acontecimentos do passado de cada indivíduo assim, conseqüentemente, faz com que, ao indivíduo sentir a mesma emoção sentida em uma determinada hora, em seu passado, e assim no presente, a emoção seja reconhecida pelo seu instinto, fazendo-o associar o que foi vivido e sentido no passado com o que está ocorrendo no presente.

Esta leitura influi, diretamente, no modo de agir, pois a partir do momento que respectiva coisa agrada uma pessoa, ela terá a propícia vontade de relacionar-se mais vezes com tal, assim também ocorre quando, as emoções são negativas perante algo, a pessoa fará de tudo para não se vincular com nada do tipo, algo que torne seus sentimentos incômodos e ruins.

Roland Barthes, ensaísta e estudioso da literatura e outras formas de expressão, declara que: *“para ler, voluptuosamente, pelo menos gulosamente, é preciso ler fora de toda a responsabilidade crítica, o leitor, então, consome o texto sem se perguntar como ele foi feito”*.

Leitura racional

A leitura racional é de certo uma leitura intelectual, enquanto elaborada por nosso intelecto. Na leitura racional importa um carácter eminentemente reflexivo e dinâmico. O leitor deve vincular o intelecto com a leitura feita, sua percepção implica na inter-relação, automática feita pelo inconsciente, entre os níveis de leitura. Isto significa que o processo de leitura racional é constantemente atualizado e referenciado.

A esta leitura cabe o dever de estabelecer uma ponte entre o leitor e o conhecimento, a reflexão, possibilitando-lhe, ao ler, dar sentido ao texto e questioná-lo tanto em seu individualismo como com o universo das relações sociais.

Uma diferença primordial é a da leitura racional para a intelectual. A leitura intelectual consiste na individualidade do texto, tendo este desvinculado com o seu externo, preocupando-se somente com o conteúdo nele apresentado.

É de notória importância a exposição da concepção feita historicamente sobre o valor maior da leitura escrita. Neste conteúdo é descrita a contraditória aceitação desta como leitura com maior importância.

Principais tipos de leitura escrita

A leitura escrita está vinculada em sua totalidade com a grafia, a leitura de palavras.

Existem diferentes tipos de leitura, as principais são:

– *Leitura informativa*: Tipo de grande frequência. Esta tem por sua função informar para uma orientação na vida e no mundo.

– *Leitura escapista*: Remonta à necessidade de satisfazer desejos. A pessoa deseja escapar à realidade. Um exemplo para isso é a grande aceitação pelos contos de fadas. É tida como fuga do real para um mundo de sonhos.

– *Leitura cognitiva*: Possui a mesma motivação que a filosofia: o anseio do conhecimento (busca pelo saber) e da compreensão de si mesmo, dos outros e do mundo. Esta não se limita à filosofia, pois tem em si a prioridade na qual, toda leitura torna-se cognitiva se, por meio desta, ocorrer alguma forma de reflexão.

– *Leitura literária*: Procura o significado interno, o reconhecimento do simbólico nos acontecimentos cotidianos, também constitui de certa forma uma busca além da realidade.

O autor e o leitor

Os diferentes tipos de leitura citados no desenvolvimento deste trabalho estão presentes em todo ser humano.

Na leitura escrita, fracionada em formas diferentes, dominada pela maioria das pessoas, encontramos os leitores e os autores.

Os leitores são o destino do que foi escrito. Independente da forma de leitura utilizada há sempre um leitor pré-estabelecido. Existem dois tipos de leitores: os *ativos* e os *passivos*.

O *leitor passivo* é aquele desvinculado ao autor; Ele adere ao material obtido e perante esse tem uma opinião, porém nada mais ocorre e ele não exerce ação alguma, direta ou indiretamente, destinada ao autor.

O *leitor ativo* é aquele que tem algum vínculo com o autor, pelo comum do material em evidência. Ele assume uma posição de crítico-colaborador, este passa para o autor pontos de vista e idéias com o intuito de uma melhora geral. Dinamizam o conteúdo do material produzido pelo autor.

Os *autores* têm a função de estímulo, ser um mediador; Estes são o vínculo do conhecimento para o leitor e, em suas variadas técnicas e formas de discorrer uma obra, o autor proporciona um estímulo para quem tem interesse sobre algo. O autor também tem a função de proporcionar ao leitor um exercício contínuo da imaginação, raciocínio, lógica, formação de um bom crítico, absorvente das idéias principais de um material, etc.

Seguindo a necessária ênfase de que um autor deve ser primeiramente um bom leitor, temos por um dos maiores exemplos o autor **Monteiro Lobato**. Esse escritor vinculou em sua trajetória todos os tipo de leituras citadas neste trabalho, entreteceu a leitura sensorial e emocional à racional, posteriormente escrita.

MONTEIRO LOBATO

Quem foi Monteiro Lobato

Quem foi Monteiro Lobato?

José Renato Monteiro Lobato, nasceu no dia *18 de Abril de 1882*, na cidade de Taubaté, Vale do Paraíba, interior paulista. Filho de José Bento Marcondes Lobato e Olympia Monteiro Lobato. Batizado dia 7 de Maio de 1882.

Juca, seu apelido de infância, começou a conhecer o mundo na fazenda de seu pai, perto de Taubaté. Lobato era fascinado pelo mundo desconhecido que o rodeava e mesmo quando ficava sabendo que ao seu redor havia coisas de seu terror, o medo o instigava ainda mais.

Tinha duas irmãs, *Esther e Judith*, com as quais se divertiu muito ao decorrer de sua infância. Os três irmãos adoravam transformar sabugos de milho em bonecos e confeccionar variados bonecos com as transformações dos diversos materiais que encontravam. Era neto do *visconde de Tremembé*, avô por quem Lobato mantinha um imenso carinho e admiração; esse avô também era o responsável por grandes histórias que Juca teve conhecimento.

Lobato não fora para a escola quando criança, e adquiriu todo seu conhecimento e aprendizagem da leitura e escrita com sua mãe Olympia. Com seis anos já discorria bilhetes e começou a fazer suas primeiras pinturas.

Visconde de Tremembé tinha uma chácara em Taubaté e era nesse local aonde Lobato introduziu-se ao mundo do conhecimento. Seu avô construíra uma biblioteca na chácara e Lobato passava horas a fio dentro desta.

Em *1889*, Monteiro Lobato ingressou no Colégio Kennedy, em Taubaté, freqüentando depois outras instituições de ensino da cidade, entre elas o Colégio Paulista. No final de *1895*, Lobato veio a São Paulo fazer os exames para admissão no Curso Anexo, preparatório para o ingresso na Faculdade de Direito. Reprovado em português, retornou a Taubaté.

No dia *13 de Junho de 1898* morreu seu pai, José Bento Marcondes Lobato. Logo após a morte de seu pai, no dia *22 de Junho de 1899* morreu sua mãe, Olympia Monteiro Lobato. O avô materno, José Francisco Monteiro - visconde de

Tremembé - assumiu a tutela de José Bento e de suas irmãs, Esther e Judith. Por causa das iniciais J.B.M.L. gravadas no castão de uma bengala do pai, mudou seu nome para José Bento Monteiro Lobato, e passou a ser o dono desta.

No período de *26 de Janeiro a 2 de Março de 1900* realizou os exames para ingresso na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco e foi aprovado. A vontade de fazer essa Faculdade vinha de seu avô, pois ele queria cursar a Escola de Belas Artes. Morou com amigos em uma república de estudantes batizada "Minarete".

No dia *11 de Março de 1903* foi fundado o Centro Acadêmico XI de Agosto, da Faculdade de Direito, e Lobato figurou, desde o primeiro número, na comissão de redatores do seu jornal, O Onze de Agosto. Em *Junho de 1903* participou da criação do jornal Minarete, de Pindamonhangaba, e escreveu em O Povo, de Caçapava, cujo cabeçalho desenhou. Nessa fase publicou artigos sob os mais diversos pseudônimos. Alguns deles: Mem Bugalho, Lobatoyewsky, Pascalon o Engraçado, Matinho Dias, Josbem, Hélio Bruma.

Já em *1904* escreveu artigos para O Combatente, de Oscar Breves, que circulava na capital paulista. Nesse mesmo ano obteve, com o conto nomeado em francês "Gens ennuyeux" (Gente aborrecida), o primeiro lugar em concurso literário promovido pelo XI de Agosto.

"Tentei arrancar de mim o carnegão da literatura. Impossível. Só consegui uma coisa: adiar para depois dos 30 o meu aparecimento. Literatura é cachaça. Vicia. A gente começa com um cálice e acaba pau d'água na cadeia". São Paulo, 16/6/1904.

No fim deste ano, em *15 de Dezembro de 1904* ocorreu sua colação de grau na Faculdade de Direito. No dia *24*, a cerimônia de formatura.

Após o término da faculdade, em *Janeiro de 1905* retornou à sua cidade natal, onde assinou artigos de crítica de arte no Jornal de Taubaté. Neste mesmo ano, no dia *23 de Maio de 1905* iniciou o namoro com Maria da Pureza de Castro Natividade, a quem sempre chamou carinhosamente de Purezinha.

Lobato foi eleito orador do Clube Recreativo de Taubaté, em *18 de Julho de 1905*, apesar de sua notória aversão a discursos.

"Ando com idéias dumas coisas a Wells, em que entrem imaginação, a fantasia possível e vislumbres do futuro - não o futuro próximo de Júlio Verne, futurinho de 50 anos, mas um futuro de mil anos. (...) Se a terra dos meus canteiros mentais não for propícia a essas sementinhas, então é que não estou destinado a ser o H. G. Wells de Taubaté, e paciência". Taubaté, 17/12/1905.

Com Eugênio de Paiva Azevedo, em 17 de Dezembro de 1905, planejou *"uma fábrica de doces em vidros, geléias inglesas (...). A firma será Lobato & Paiva. E invadiremos o mercado com uma reclame verdadeiramente americana"*.

No ano seguinte, em 16 de Outubro de 1906 Lobato foi nomeado promotor público interino em Taubaté.

"Estou nomeado promotor público da comarca de Areias [município paulista próximo a Queluz, na divisa com o Estado do Rio de Janeiro], que deve ser nalgum lugar". Taubaté, 14/4/1907.

Lobato casou-se com Purezinha no dia 28 de Março de 1908.

"Realizou-se ontem em São Paulo o consórcio do nosso amigo, dr. José Bento Monteiro Lobato, nosso distinto conterrâneo e promotor público da comarca de Areias, com a gentil senhorita Maria Pureza Natividade, dileta filha do sr. dr. Francisco de Gouvêa Natividade, e neta do sr. dr. Antonio Quirino de Souza e Castro". Jornal de Taubaté, 29/3/1908.

Em Abril de 1908 Lobato e Purezinha passaram a lua de mel na praia de José Menino, em Santos (SP). Voltaram para a capital, onde ficaram até o fim do mês na rua Santo Amaro 18. Dali voltaram a Areias, viajando antes ao Rio de Janeiro, onde visitaram a Exposição Nacional de 1908, comemorativa do centenário da Abertura dos Portos.

Lobato traduziu artigos do Weekly Times [de Londres] para o jornal O Estado de S. Paulo, escreveu para A Tribuna [de Santos] e remeteu caricaturas para a revista Fon-Fon [Rio de Janeiro].

Concretizado o seu sonho, no dia 3 de Março de 1909 quando nasceu, em São Paulo, Martha, sua primogênita.

Discutiu com Godofredo Rangel, em *27 de Junho de 1909*, um projeto comum de produção literária: "(...) proponho estes pontos: 1) Não haver pressa; 2) Apurarmos a forma, de modo que os críticos exigentes não descubram nem uma lêmnea de pronome mal colocado; 3) Ler um a produção do outro, comentar, criticar, sugerir, vetar; 4) As duas partes conformar-se-ão com as sentenças, mas ficam com o direito de rejeitar o veto; 5) A fatura material do livro será perfeita; prosa boa impressa em papel de embrulho vira carne seca da fedorenta; champanha em caneca de lata vira zurrapa. (...) Sou partidário do conto, que é como o soneto na poesia. (...) Contos com perspectivas. (...) Contos-estopins, deflagradores das coisas, das idéias, das imagens, dos desejos, de tudo que exista informe e sem expressão dentro do leitor". Areias, 27/6/1909.

Sua alegria aumentou no dia *7 de Maio de 1910*, quando nasceu, em São Paulo, seu segundo filho, a quem deu o nome de Edgard.

No dia 3 de Dezembro de 1910, Através da lei n.º 134, a Câmara Municipal de Taubaté concedeu ao "*Dr. José Bento Monteiro Lobato, ou empresa que organizar, licença para construção, uso e gozo de uma linha férrea econômica de bitola de um metro entre trilhos, que partindo desta cidade se dirija às divisas do município de Tremembé*".

Um ano após ao que para Lobato foi concedido, no dia *27 de Março de 1911* o visconde de Tremembé, seu avô, morreu. Lobato e as irmãs tornaram-se herdeiros de terras na região de Taubaté que, somadas às extensões deixadas pelo pai, ultrapassariam dois mil alqueires (cerca de 5 mil hectares).

"*O mês passado fundei aqui um colégio (...) só para meninos ricos (...) onde só ensinam coisas de rico - esporte, pôquer, bridge, danças, línguas vivas faladas, elegâncias, pedantismos, etiquetas e as tinturas de literatura, ciência e arte necessárias nas conversas de salão. (...) Em suma, ensinar aos meninos ricos o que eles vão necessitar pela vida afora - porque não sei de maior imbecilidade do que meter logaritmos na cabeça dum futuro herdeiro de milhões. Mas ensiná-los a ser ricos com decência e proveito social*". Taubaté, 22/6/1911.

Nasceu em Taubaté seu terceiro filho, Guilherme, no dia *26 de Maio de 1912*. Após quase um ano, em *Março de 1913*, Monteiro Lobato e Ricardo Gonçalves apresentaram à Câmara Municipal de São Paulo proposta para a construção – no lugar do viaduto do Chá - de uma passagem coberta com dois pavimentos, abrigando lojas e áreas de convivência, mirantes para o vale do Anhangabaú, cortada por linhas de bondes elétricos.

"Parece que ando na idade de ler memórias. Só nelas temos o que é possível de história verdadeira, com os bas-fond e as cozinhas e copas da humanidade. A história dos historiadores coroados pelas academias mostra-nos só a sala de visitas dos povos. (...) Mas as memórias são a alcova, as chinelas, o pinico, o quarto dos criados, a sala de jantar, a privada, o quintal (..) da humanidade". São Paulo, 9/5/1913.

"Viver a sua vida é o supremo programa da vida. (...) alguns representantes dessa classe de privilegiados (...) criam os deuses à sua imagem e caminham na vida como franco atiradores, vendo de longe o desfile dos batalhões cerrados que ao som dos tambores da Moral e da Religião marcham suarentos para o grande destino comum da morte. Nós também vamos para lá - mas em nenhum passo-de-ganso. (...) O que não somos nunca é ovelha - fiel ovelha do Santo Padre, de S. M. o Rei, do Partido, da Convenção Social, dos Códigos da Moral Absoluta, do Batalhão, de tudo que mata a personalidade das criaturas e as transforma em números". Fazenda, 7/6/1914.

Publicou em O Estado de S. Paulo, em *12 de Novembro de 1914* o artigo "Uma Velha Praga" e, em *23 de Dezembro*, no mesmo jornal, "Urupês". A imagem do caboclo esboçada no primeiro texto – desprovido de força de vontade e senso estético, feio e grotesco – foi largamente ampliada no segundo artigo, em que Lobato acentuou a ignorância e a preguiça do habitante do interior, caracterizando-o como "sacerdote da Grande Lei do Menor Esforço", aquele que vive do que a natureza dá, sem gastar energia para alcançar qualquer objetivo na vida. Nascia a primeira versão de "Jeca Tatu", personagem-símbolo em sua obra.

"(...) no Estado houve uma séria discussão sobre aquele artigo "Urupês", na qual poucos concordaram comigo totalmente, mas todos foram unânimes em que sou

'novo de forma' e uma 'revelação'. (...) Escrevendo no Estado, consigo um corpo de 80 mil leitores, dada a circulação de 40 mil do jornal e atribuindo a média de 2 leitores para cada exemplar. Ora, se me introduzir num jornal do Rio de tiragem equivalente, já consigo dobrar o meu eleitorado. Ser lido por 200 mil pessoas é ir gravando o nome - e isso ajuda. (...) Para quem pretende vir com livro, a exposição periódica do nomezinho equivale aos bons anúncios das casas de comércio." Fazenda, 12/2/1915.

"(...) somos todos uns Jecas Tatus. Pura verdade. Com mais ou menos letras, mais ou menos roupas, na Presidência da República sob o nome de Wenceslau ou na literatura com a Academia de Letras, no comércio como na indústria, paulistas, mineiros ou cearenses, somos todos uns irredutíveis Jecas. O Brasil é uma Jecatatuásia de oito milhões de quilômetros quadrados". Ponta da Praia [Santos], 3/7/1915.

"As fábulas em português que conheço, em geral traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amora do mato - espinhentas e impenetráveis. Um fabulário nosso, com bichos daqui em vez dos exóticos, se feito com arte e talento, dará coisa preciosa. Fábulas assim seriam um começo de literatura que nos falta." Fazenda, 8/9/1916.

No ano de 1916 ocorreram muitos acontecimentos. Em Janeiro o lançamento da Revista do Brasil, fundada em setembro do ano anterior por um grupo de intelectuais, políticos e jornalistas ligados ao jornal O Estado de S. Paulo. No dia 29 de Fevereiro do mesmo ano nasceu Ruth, sua última filha. Ainda em 1916 no mês de Março a Revista do Brasil publicou, em seu terceiro número, "A vingança da peroba", conto de Monteiro Lobato.

O Estado de S. Paulo publicou, em 6 de Novembro de 1917, o artigo "A criação do estilo", mais tarde compilado no livro "Idéias de Jeca Tatu", em que Lobato sugeriu que se incorporem elementos do folclore brasileiro nos cursos de arte, especialmente nos do Liceu de Artes e Ofícios.

Sob o título "Mitologia brasílica", no dia 26 de Janeiro de 1917, em o Estadinho, edição vespertina de O Estado de S. Paulo, deu início a uma pesquisa

pioneira de opinião pública sobre o saci. Reunindo as respostas de leitores e textos de sua autoria, Lobato organizou “O Saci-Pererê: resultado de um inquérito”, seu livro de estréia, lançado no início de 1918.

"Ando a preparar um livro de contos - assinado Hélio Bruma - coisas antigas refeitas. A refusão limita-se a podas, desgalhes, descascamentos - sempre 'des', isto é, concentração. E sinto que ganham com o desbaste. Em regra somos na mocidade extremamente excessivos, folhudos como certas árvores tão enfolhadas que não há ver nelas a beleza maior: o tronco e o engalhamento." Fazenda, 10/5/1917.

"[Olavo] Bilac perguntou ao Heitor de Moraes [cunhado de Lobato] por que motivo eu lhe fugia (isto é, por que o não incensava) e achou-me 'esquisito'. Acostumou-se o grande poeta ao coro perpétuo de 'Ohs!' da rodinha do Estado. Os literatos célebres lembram-me os políticos que jamais caem, como o Rodrigues Alves. (...) Porque têm um nome do tamanho dum bonde amarelo e moram no andar da apoteose, acham inadmissível que um ignaro anônimo tenha a preguiça do rapapé e por higiene fuja ao beija-mão." Fazenda, 8/7/1917.

Em Setembro de 1917 surgiu em Caçapava a revista Parahyba, em que Lobato colaborou com textos e ilustrações. A partir do número três, desenhou também sua capa. No mesmo ano, no dia 18 de Outubro com comissão julgadora composta por Amadeu Amaral, J. Wash Rodrigues e Monteiro Lobato, foi aberta a exposição de artes plásticas sobre o saci promovida pelo jornal O Estado de S. Paulo.

Monteiro Lobato publicou no Estadinho, no dia 20 de Dezembro de 1917, o artigo "À propósito da exposição Malfatti", sua crítica à mostra de pintura moderna de Anita Malfatti, inaugurada uma semana antes. Mais tarde, sob o título "Paranóia ou mistificação?", seria compilado em Idéias de Jeca Tatu, lançado em 1919. Estopim de sua polêmica com os modernistas, o artigo suscitaria a solidariedade de amigos de Anita – sobretudo Menotti del Picchia e Mario de Andrade – que passaram a culpar Lobato por uma suposta regressão estética da pintora, ao mesmo tempo que desqualificavam-no como crítico e renegavam suas idéias sobre arte e cultura.

Em 1918 ocorreu o lançamento de *Urupês*, livro de contos considerado a obra-prima do escritor e um clássico da literatura brasileira. No mesmo ano, 8 de Março Lobato iniciou, no jornal O Estado de S. Paulo, a série de artigos sobre saúde pública e saneamento, reunidos posteriormente no livro “Problema Vital”, publicado no final do ano. Num deles escreveu a respeito do Jeca Tatu, criado quatro anos antes: *“Está provado que tens no sangue e nas tripas um jardim zoológico da pior espécie. (...) É essa bicharia cruel que te faz papudo, feio, molenga, inerte”*. Concluindo que *“o caipira não é assim”* mas *“está assim”*, Lobato redefiniu, num tom diametralmente oposto ao dos artigos de 1914, *“Urupês”* e *“Uma velha praga”*, o perfil de seu personagem: indolente não pela sua natureza genética ou racial, mas sim pela falta de condições de higiene e saúde. Nasceu assim o segundo Jeca.

Junho de 1918 Lobato comprou a Revista do Brasil e, paralelamente à sua redação, desenvolveu uma seção editorial onde tiveram início atividades que revolucionariam a produção do livro no país.

Dia 4 de Junho de 1918 no diário coletivo de sua *garçonnière* da rua Líbero Badaró, Oswald de Andrade registrou: *“Lobato esteve aqui e esqueceu as provas dos seus Urupês sobre o sofá. A Cyclone [Maria de Lurdes Castro, que viria a se casar com Oswald], muito pimpona, atribuiu à sua influência desnorteadora esse gesto do nosso homem do dia. Lobato defenda-se ou confesse que tomou Cyclomol.”*

“Os Urupês vão se vendendo melhor do que esperei, e neste andar tenho de vir com a segunda edição dentro de três ou quatro semanas. Há livrarias que no espaço duma semana repetiram o pedido três vezes (...). O Saci-Pererê também se vende bem; estou já só com um resto - talvez um quarto da 2ª edição. (...) A alta do papel impede-me de lucros maiores na Revista [do Brasil] e nos livros; mesmo assim, cada milheiro deixa líquido um conto e tanto... quando não encalha. A mim me favoreceu muito aquela campanha pró-saneamento que fiz pelo Estado. Popularizou muito a marca 'Monteiro Lobato'.” São Paulo, 8/7/1918.

No ano de 1919 houve o lançamento de “Cidades Mortas” e “Idéias de Jeca Tatu”. No primeiro, Lobato reuniu escritos do tempo de estudante a textos que retratam a decadência das outras ricas regiões cafeeiras. No segundo, está compilada sua produção de crítica literária e de arte.

Foi em 5 de Março de 1919 que associado à Olegário Ribeiro & Cia., Lobato formou a Olegário Ribeiro, Lobato & Cia., mas a sociedade editora dura apenas alguns meses. No mesmo mês no dia 20, em discurso proferido no Teatro Lírico do Rio de Janeiro, Rui Barbosa fez longa referência ao Jeca Tatu. Com isso, rapidamente esgotou-se a terceira edição de Urupês.

"Acaba de fazer um ano que comprei a Revista do Brasil. (...) Entre as coisas futuras projetadas está uma seção argentina, para lançar coisas nossas, traduzidas, no mercado de língua espanhola, que é grande. Estamos estudando a nossa associação com a Cooperativa Editorial Argentina e uma agência de publicidade. Iniciaremos a série com Alencar e outros artigos já em domínio público, dando simultaneamente uma edição em português e outra em espanhol. Os bons livros brasileiros encontram grande saída em espanhol." 6/7/1919.

No ano de 1920 aconteceu o lançamento de "Negrinha". Segundo Lobato, *"filhote de livro (...) para fazer uma experiência: se vale mais a pena lançar 'livros inteiros' a 4 mil réis ou 'meios livros' a 2\$500"*.

"Faço livros e vendo-os porque há mercado para a mercadoria; exatamente o negócio do que faz vassouras e vende-as, do que faz chouriços e vende-os. (...) O público - o respeitável público dos circos de cavalinhos - merece um pouco de atenção. Porque, afinal de contas, Rangel, é o público que marcha com os cobres." São Paulo, 17/1/1920.

"O triunfo das nossas edições está excedendo aos meus cálculos; desde janeiro, 12 mil volumes vendidos: 4 mil Cidades Mortas, 4 mil Idéias de Jeca [Tatu], 3 mil Urupês e mil Jeremias. (...) Estão a sair Sem Crime, de Papi Júnior, (...); Madame Pommery, uma obra prima de sátira bordelenga, do Toledo Malta ou 'Hilário Tácito': Tácito, porque aquilo é história, e Hilário porque é história alegre. (...) Ando a colaborar no Correio da Manhã e tive convite d'O Jornal [ambos do Rio de Janeiro]. Cinquenta mil réis o artigo." São Paulo, 23/3/1920.

Em Junho de 1920 associado a Octalles Marcondes Ferreira, Lobato fundou a editora Monteiro Lobato & Cia.

Na época do Natal do ano de 1920 ocorreu o lançamento de *A menina do narizinho arrebitado*, com capa ilustrada e cartonada, formato 29 X 22 cm, 43 páginas e desenhos coloridos de *Voltolino*. Primeira obra de Monteiro Lobato para as crianças, nela surgiu a boneca *Emília*.

No ano seguinte, em 1921, *Urupês* foi lançado na Argentina, em tradução de Benjamin de Garay. A revista *A Novela Nacional*, da Sociedade Editora Olegário Ribeiro, publicou *Os Negros ou Ele e o Outro*, "*novela-cine romântica, com pios de coruja, noite tempestuosa, mortes trágicas e outros ingredientes; leitura perigosa às meninas histéricas e aos velhos cardíacos que crêem em almas do outro mundo.*"

Lançamento de "A Onda Verde", volume que reuniu a produção jornalística de Lobato sobre as novas áreas onde o café está em ascensão, e de *Fábulas de Narizinho*, para as crianças. Ainda no ano de 1921, em Abril houve o lançamento de "O Saci", seguido de "Narizinho arrebitado", edição de "A menina do narizinho arrebitado" acrescida de histórias inéditas, 181 páginas, em tiragem de 50 mil exemplares e adotada pelo governo de São Paulo para a rede escolar.

Um ano após em 1922, ocorreu o lançamento de *O marquês de Rabicó e Fábulas*, livro também aprovado pela Diretoria de Instrução Pública do Estado de São Paulo para uso didático.

Lobato aceitou concorrer à cadeira n.º 11 da Academia Brasileira de Letras, vaga com a morte de Pedro Lessa. Nos EUA, Isaac Golberg dedicou um capítulo à análise da obra de Monteiro Lobato em *Brazilian Literature*.

No rastro da Semana de Arte Moderna, realizada entre 13 e 15/2/1922 no Teatro Municipal de São Paulo, Lobato incluiu no rol dos autores por ele editados alguns de seus protagonistas: Oswald de Andrade, com *Os condenados*, e Menotti del Picchia, com *O homem e a morte*. Detalhe: ambos com capa de Anita Malfatti.

No ano de 1923 houve o lançamento de "O macaco que se fez homem", "O mundo da lua" e "Contos Escolhidos", adotado em estabelecimentos de ensino.

"A vendagem dos livros tem caído; todos os livreiros se queixam - mas o público tem razão. Câmbio infame, aperto geral, vida cara. Não há sobras nos orçamentos para a compra dessa absoluta inutilidade chamada 'livro'. Primo vivere. (...) Estamos refreando as edições literárias para intensificação das escolares. O bom negócio é o didático." São Paulo, 1/12/1923.

Lançamento de “A caçada da onça” e de “Jeca Tatuzinho”, ilustrado por Kurt Wiese, em 1924, onde o personagem-símbolo criado por Lobato ensina noções de higiene e saneamento às crianças. Edição do *O garimpeiro do Rio das Garças*, também ilustrado por Wiese, em um formato muito próximo ao das histórias em quadrinhos. Chegou ao mercado argentino a coletânea de contos “Los ojos que sangran”, traduzidos por B. Sanchez-Saez.

Na rua Brigadeiro Machado, no Brás, em prédio com cinco mil metros quadrados, Lobato montou o maior parque gráfico da América Latina. Para dar suporte ao projeto de expansão, a Monteiro Lobato & Cia. Transformou-se em Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato, sociedade anônima presidida por José Carlos de Macedo Soares que reuniu a nata da classe dirigente paulistana.

A revolução desorganizou a vida econômica paulistana e paralisou as atividades da editora de Lobato por dois meses. Após a retirada dos rebeldes a 27 de Julho, o governo de Artur Bernardes iniciou uma série de ações repressivas, entre as quais a prisão de Macedo Soares, presidente da Cia. Gráfico-Editora Monteiro Lobato, em 4 de Agosto, acusado de ligações com os tenentes.

No dia do aniversário de Bernardes, 9 de Agosto de 1924, Lobato enviou carta ao presidente onde fez um balanço dos acontecimentos e discutiu o sistema eleitoral vigente. Com o título “*O voto secreto*”, o texto transformou-se num panfleto, largamente distribuído. Artur Bernardes reagiu e mandou suspender todas as encomendas de livros escolares que a Companhia Gráfico-Editora imprimia e distribuía.

Final de 1924 e início de 1925, a saúde financeira da Cia. Gráfico-Editora Monteiro Lobato estava abalada pelas dívidas contraídas para importação de maquinário e a empresa sofreu os efeitos da seca que castigava São Paulo, reduzindo drasticamente o fornecimento de energia elétrica. Uma súbita mudança na política econômica do governo Bernardes desvalorizou a moeda e suspendeu o redesconto de títulos pelo Banco do Brasil. A editora de Lobato entrou em crise terminal.

Sob encomenda do Laboratório Fontoura, no ano de 1925, Monteiro Lobato adaptou “Jeca Tatuzinho” para a promoção de seus produtos, em especial do Biotônico. Por ocasião do centenário do escritor, em 1982, esse folheto ultrapassou a marca dos 100 milhões de exemplares.

"Estou a examinar os contos de Grimm dados pelo Garnier. Pobres crianças brasileiras! Que traduções galegas! Temos de refazer tudo isso - abrigilizar a linguagem." São Paulo, 11/1/1925.

"Fiz leilão da minha casa em São Paulo e montei outra aqui - rua Professor Gabizo 97. Vida nova, tudo novo. Não quero nada que lembre o passado. Quem vive a olhar para o passado é como quem caminha de calcanhares para a frente." Rio, 8/11/1925.

Em Março de 1926 Lobato concorreu novamente e perdeu a eleição na Academia Brasileira de Letras.

O Diário de São Paulo, no dia 20 de Março de 1926, publicou o artigo "O nosso dualismo" em que Lobato, referindo-se ao modernismo, afirmou: *"Essa brincadeira de crianças inteligentes (...) vai desempenhar uma função muito séria em nossas letras. Vai forçar-nos a uma atenta revisão de valores e apressar o abandono de duas coisas a que andamos aferrados: o espírito da literatura francesa e a língua portuguesa de Portugal"*.

Pelas páginas do suplemento paulista do jornal A Manhã, Mario de Andrade refutou o artigo "O nosso dualismo" com o texto *"Post-Scriptum Pachola"*, em 13 de Maio de 1926. Ao final, "com o coração sangrando e os olhos mojdados de lágrimas", anunciou a morte de Lobato. Mais um capítulo da polêmica com os modernistas.

Em Janeiro de 1927, Lobato publicou, em O Jornal, do Rio de Janeiro, sob a forma de folhetim, Mister Slang e o Brasil, que tinha como subtítulo *"Colóquios com o inglês da Tijuca"*. Foi lançado como livro em Maio desse mesmo ano, pela Companhia Editora Nacional.

Nomeado pelo presidente Washington Luís, em 25 de Maio de 1927, Lobato embarca no navio *American Legion* com destino a Nova Iorque, onde assumiria o cargo de adido comercial.

Agosto de 1927 enviou relatório ao ministro das Relações Exteriores, Otávio Mangabeira, sugerindo, entre várias outras medidas, que o governo brasileiro reconsiderasse os altos impostos de exportação e que, com urgência, investisse em propaganda.

Lobato conheceu Anísio Teixeira, em 1928, que estava em Nova Iorque cursando o Teacher's College da Universidade de Colúmbia. Uma grande amizade uniu esses dois apaixonados por *novos métodos pedagógicos para as crianças*.

Em Julho de 1928 houve o lançamento de *O noivado de Narizinho*. Logo após, em Outubro, ocorreu o lançamento de *O Gato Félix* e em Novembro deste ano de 1928, foi feito o Lançamento de *Aventuras do Príncipe* e *A Cara de Coruja*. No ano seguinte, 1929, no mês de Junho foi lançado *O Irmão de Pinocchio*. E em Agosto o lançamento de *O Circo de Escavalinho*.

Agosto de 1930, em carta "*vinda daí além túmulo*", Lobato manifestou a Mario de Andrade seu interesse em intermediar a tradução e o lançamento de Macunaíma nos EUA. Logo após, em Novembro, lançamento de *A Pena de Papagaio*. Adaptação de Peter Pan, do escritor inglês J. M. Barrie. No fim do ano, em 6 de Dezembro, o decreto assinado pelo chefe do Governo Provisório dispensou vários funcionários do Itamaraty e Monteiro Lobato perdeu seu cargo de adido comercial em Nova Iorque. Em seqüência do fato, no dia 9, ao deixar o posto, Lobato escreveu uma carta a Getúlio Vargas relatando as conclusões a que chegou com sua experiência americana. Os grandes problemas nacionais – ferro, combustível e trigo – seriam os responsáveis pela fraqueza da economia brasileira. Mas o país tinha tudo para superá-los, bastava ter vontade política. Decorridos tais acontecimentos, em Março de 1931, Monteiro Lobato retornou ao Brasil.

Retornando à sua carreira de escritor, em 1931 teve o lançamento de *Ferro*, *O pó de pirlimpimpim* e *As renações de Narizinho*. Adaptação de Robinson Crusoe e de Alice no país das maravilhas. No ano seguinte, no dia 8 de Abril de 1932, pelo decreto 21.265, a Companhia Petróleo Nacional, incorporada por Monteiro Lobato, Lino Moreira e Edson de Carvalho, entre outros, é autorizada a funcionar e será responsável pelas prospecções em Riacho Doce, Alagoas. Transcorrido mais um ano, em 1933 ocorreu o lançamento de *Na antevéspera*, *História do mundo para crianças*, *As caçadas de Pedrinho* e *Novas renações de Narizinho*. Em seqüência, no ano de 1934 foi feito o lançamento de *Emília no país da gramática*. Adaptação dos Contos de fadas, de Perrault.

Em meados de 1935 houve o lançamento de *Contos leves, Aritmética da Emília, Geografia de Dona Benta e História das invenções*. Em 1936 o lançamento de *Dom Quixote das crianças e Memórias da Emília*. Tradução de *A ceia dos acusados*.

3 de Fevereiro de 1936, por unanimidade de votos, Lobato foi eleito para a cadeira 39 da Academia Paulista de Letras. Agosto deste mesmo ano chegou às livrarias *O escândalo do petróleo*, com duas edições esgotadas nesse mesmo mês, seguidas de mais três até o final do ano, totalizando 20 mil exemplares vendidos. E no começo de 1937 o lançamento de *O poço do Visconde, Serões de Dona Benta e Histórias de Tia Nastácia* e da adaptação das Viagens de Gulliver.

No ano seguinte, dia 10 de Janeiro de 1938, morreu em São Paulo seu filho Guilherme. No dia 31 de Março deste mesmo ano, em carta a Getúlio Vargas Lobato conclamou o presidente à defesa da soberania brasileira na questão do petróleo e fez graves denúncias contra o Departamento Nacional de Produção Mineral.

Início de 1939 ocorreu o lançamento de *O Picapau Amarelo e O Minotauro*. Traduções: Rumo às estrelas, Evolução da física e Os grandes pensadores. No mesmo ano, no dia 22 de Janeiro, no poço de Lobato foi descoberto oficialmente o petróleo no Brasil.

Nos dias 27 e 28 de Janeiro de 1941 a equipe da Delegacia Especializada de Ordem Política e Social (DEOPS), acompanhada de um representante do Ministério da Guerra junto ao Conselho Nacional de Petróleo, invadiu a residência e, em seguida, o escritório de Monteiro Lobato. O escritor foi levado à DEOPS, qualificado e transferido para a Casa de Detenção (Presídio Tiradentes), onde permaneceu incomunicável durante quatro dias. Em nova operação policial, dessa vez na sede da Companhia Matogrossense de Petróleo, foram apreendidos mais documentos.

Dia 18 de Março de 1941, o Tribunal de Segurança Nacional decretou a prisão preventiva de Lobato. No dia seguinte o escritor foi novamente preso, levado à DEOPS e, de lá, à Casa de Detenção. Decorridos dois meses, no dia 20 de Maio de 1941, o novo julgamento do Tribunal de Segurança Nacional reformou a primeira sentença e, por unanimidade, condenou Lobato a seis meses de prisão. Após passar três meses na cadeia, Monteiro Lobato foi indultado por Getúlio Vargas. O

escritor ganhou a liberdade, mas a imprensa, sob censura, foi proibida de noticiar o fato.

Morre em Tremembé, município paulista vizinho a Taubaté, no dia 23 de Janeiro de 1943, seu filho Edgard. Em *Maio de 1943*, criado por Edgard Cavalheiro e Carlos Lacerda, foi ao ar, pela Rádio Gazeta em São Paulo, o programa *No Sítio do Picapau Amarelo*. Dois anos passados, em *Maio de 1945*, *A menina do narizinho arrebitado* foi transformado em novela para crianças pela Rádio Globo no Rio de Janeiro. No ano seguinte, 1946 ocorreu o lançamento da primeira série (literatura geral) das *Obras Completas* pela Brasiliense, em 13 volumes.

Dezembro de 1947 foi a Salvador assistir a opereta “Narizinho arrebitado”, de Adroaldo Ribeiro da Costa. Lobato escreveria novo libreto para o espetáculo, considerado sua última criação infantil. Um ano passado, no dia 2 de Julho de 1948, Lobato concedeu a Murilo Antunes Alves, da Rádio Record, sua última entrevista.

E em 4 de Julho de 1948, o criador do Sítio do Picapau Amarelo morreu, às 4 horas da madrugada, vitimado por um derrame. Após velório na Biblioteca Municipal, seu corpo seguiu acompanhado por milhares de pessoas para o cemitério da Consolação, onde foi sepultado na quadra 25, terreno 2.

O homem e a obra

“Quando olho para trás fico sem saber o que realmente sou. Porque tenho sido tudo, e creio que minha verdadeira vocação é procurar o que valha a pena ser”.

(Monteiro Lobato, 1928)

Nos tempos atuais é fácil provar que coube a Monteiro Lobato ser, na área da Literatura Infantil e Juvenil, o divisor de mudanças que separa o Brasil de ontem e o Brasil de hoje. Lobato incumbiu-se de encontrar um novo caminho criador, cuja Literatura Infantil demonstrava necessidade. Pela primeira vez, originando-se de Lobato, foi feito o rompimento com o racionalismo tradicional e assim, surgiu a possibilidade de utilizar a criatividade de uma forma de grande liberdade.

Todavia, essa liberdade não foi obtida pelo meio mais rápido e simples. Foi resultado de um longo processo de conquistas e fracassos. Quando *A Menina de Narizinho Arrebitado* foi publicado, em 1921, Monteiro Lobato tinha 39 anos de idade. Entretanto, desde criança começara a lidar com as Letras. Tinha uma constante preocupação em renovar a literatura brasileira, com a *linguagem brasileira na literatura*.

José Veríssimo resumiu um ideal de um problema que pedia urgência para ser atacado, o da *consciência nacionalista* ligada a todas as áreas do pensamento culto:

“Neste levantamento geral, que é preciso promover a favor da educação nacional, uma das mais necessárias reformas é a do livro de leitura. Cumpre que ele seja brasileiro, não só feito por brasileiro, que não é o mais importante, mas brasileiro pelos assuntos, pelo espírito, pelos autores transladados, pelos poetas reproduzidos e pelo sentimento nacional que o anime”.

Obviamente, esse “nacionalismo” consciente dependia de um processo de maturação que vai durar anos. A dimensão verdadeiramente “brasileira” ainda não foi descoberta em sua totalidade.

Lobato foi um dos que se empenhou nessa descoberta e conseguiu trazer à tona muitos aspectos da “brasilidade”.

“Ando com várias idéias. Uma: vestir à nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo com as moralidades. Coisa para crianças. Veio-me diante da atenção curiosa com que meus pequenos ouvem as fábulas que Purezinha lhes conta. Guardam-nas de memória e vão recontá-las aos amigos – sem, entretanto, prestarem nenhuma atenção à moralidade, como é natural. A moralidade nos fica no subconsciente para ir-se revelando mais tarde, à medida que progredimos em compreensão. Ora, um fabulário nosso, com bichos daqui em vez dos exóticos, se for feito com arte e talento dará coisa preciosa. As fábulas em português que conheço, em geral traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amora do mato – espinhentas e impenetráveis. Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada. Fábulas assim seriam um começo da literatura que nos falta.(...)”

(Monteiro Lobato – 8/9/1916)

Em sua proverbial e saborosa irreverência, Monteiro Lobato dá a exata dimensão do que ocorreria. *A menina do Narizinho Arrebitado* foi o marco desta Literatura Infantil inovadora. Seu sucesso imediato entre os pequenos leitores decorreu de um primeiro e decisivo fator: a realidade comum e familiar à criança, em seu cotidiano, é subitamente penetrada pelo maravilhoso ou pelo mágico, com a mais absoluta verossimilhança ou naturalidade. Alfredo Bosi refere-se a esse método de relacionamento e linguagem usada por Lobato:

“A linguagem continua pura, vernácula, mas absolutamente simples, chegando àquele modo de comunicação que consegue comover as crianças, o que eu acho genial: chegar, falar às crianças e ser entendido por elas”.

Uma mistura inovadora, o Real e o Maravilhoso em uma ó realidade. Com o crescimento e enriquecimento do fabuloso mundo de suas personagens, o Maravilhoso passa a ser elemento integrante do Real e em lugar deste “real” se tornar inverossímil ou se “des-realizar”, acontece o contrário: o inventado passa a ter foros de realidade.

A Junção do Real com o Imaginário

Certamente Monteiro Lobato teve entre suas mais nobres façanhas a junção do Real com o Imaginário (Maravilhoso). Em suas obras ele mostra a possibilidade de acontecerem aventuras maravilhosas, antes só vistas em fábulas e contos de fadas com seres extraordinários e, em sua proposta, vividas por seres e pessoas. Ação decisiva para a imediata atração das crianças pela estória de Narizinho Arrebitado.

Outro fator primordial para a aceitação imediata das crianças referente à literatura lobatiana é o humor usado. Um aspecto, inicialmente ousado, que obteve a adoração pelas crianças e seus leitores.

É necessário tornar evidente que essa fusão do Real com o Maravilhoso foi limitada em sua primeira obra, Narizinho Arrebitado. Lobato usufruiu energicamente da fantasia, mas disciplinando-a com a lógica. Na aventura da menina percorrida por Lobato, ele faz com que esta termine no momento em que ela vai responder ao príncipe Escamado que a pede em casamento. Esclarecendo, nesse final, que tudo não passou de um sonho, Lobato anula a presença do maravilhoso dentro do cotidiano. Deixa que predomine o pensamento racional sobre o pensamento mágico.

Todavia, o sucesso obtido com as vendas desta obra, levou-o a escrever cada vez mais e, assim ir conquistando e adquirindo seu estilo.

Lobato queria sempre ir mais além, em suas obras, adaptadas ou não, ele fazia a mistura incessante do real com o imaginário. Sua preocupação com a transmissão de valores e conhecimento à criança é uma das características pessoais de sua literatura.

Em um patamar de grande valia encontrava-se a criança para Lobato.

"Ando com idéias de entrar por esse caminho: livros para crianças. De escrever para marmanjos já me enjoiei. Bichos sem graça. Mas para as crianças um livro é todo um mundo. Lembro-me de como vivi dentro do Robinson Crusoe do Laemmert. Ainda acabo fazendo livros onde nossas crianças possam morar, como morei no Robinson e n'Os Filhos do Capitão Grant".

“De tanto escrever para as crianças, simplifiquei-me, aproximei-me do certo (que é o claro, transparente como o céu)”.

“Escrever para as crianças. Ah, meu amigo, é admirável. Eu perdi o tempo escrevendo para gente grande, que é uma coisa que não vale a pena”

(Monteiro Lobato)

Ainda Mauro Santayana faz sua afirmação, perante o mundo lobatiano:

*“Qual o grande segredo de Lobato? Ele reside em trazer para a paisagem e a emoção brasileiras os grandes mitos antigos e os contos de fadas. A sua originalidade está nisso: ele não adapta as histórias e lendas conhecidas, mas consegue fazê-las **reviver** em nossa realidade, e conviver com os nossos próprios sonhos, a nossa particular fantasia. Ele trabalha com os materiais disponíveis, e sua criação é acessória: reconta, em linguagem mais singela, fábulas tão antigas quanto o homem, e sempre traduzidas não a cada idioma, mas principalmente a cada tempo, pelos sucessivos narradores. Mas, em seu caso, há preocupação maior: a de estabelecer pontes que são históricas (a transposição do tempo), mas também geográficas. E este seu trabalho é mais importante do que parece”.*

O folclore em Lobato

Para empregar tudo que Lobato desejava, como exemplo o folclore, achou logo uma solução. Com certeza haveria necessidade de personagens que o fizessem com alma, com expressão vivida e sentida. Como pronta solução está Tia Nastácia, com suas histórias de negra velha e, perto do ribeirão, onde os meninos do “Sítio do Pica-pau Amarelo” sempre visitavam, está o Tio Barnabé, negro velho sabido. E assim as lendas se sucedem. Tia Nastácia faz sermão, com os mitos de “lobisomem”, “mula-sem-cabeça”, “negrinho do pastoreio” entre outras. Eram eles próprios a representação humana do Folclore.

Lobato, ainda insatisfeito, fez com que, pela primeira vez, o Folclore fosse levado à criança de modo direto, atraente e vivo. As histórias não são contadas apenas, como uma série de narrações inócuas; elas são vividas pela turma presente no “Sítio do Pica-pau Amarelo”. E todas as crianças que as lêem ou ouvem, delas

participam. Tio Barnabé conta a estória do Saci e os habitantes do “Sítio” fazem prevalecer a ação. Pedrinho e Narizinho caçam o Saci e, ao capturá-lo, é o próprio Saci que revela os segredos da Mata e seus extraordinários mitos. Torna-se de incumbência do Saci relatar os mistérios de nosso Folclore, levando Pedrinho – e os que estão lendo ou ouvindo – através dessas pitorescas tradições populares, numa aventura em suas fontes.

A fábula em Lobato

A técnica lobatiana, nova, original e inédita continua caracterizando-o. Como introduzir as crianças na Fábula? E mais uma vez coube as personagens do “Sítio” tal acontecimento. Emília! Em que é que Emília não entra e não dá palpite? E não acha propício consertar tudo? Descobre que tal coisa está incorreta, intromete-se. Qualquer cochilo dos escritores... lá está Emília a fazer-lhes a crítica e a reforma: “Sr. de La Fontaine não rematou bem a fábula, o velho Fredo esqueceu tal coisa”, e assim penetrou Emília pelas Fábulas adentro.. Conseqüentemente a turma do “Sítio” atrás, fazendo retoques, tornando-as, muitas vezes, mais naturais, trazendo-as até sua compreensão, que é a compreensão da criança.

Ainda não feliz por completo, Emília resolve, além de corrigir, fazer suas próprias fábulas. E Lobato põe a criança a falar para a criança, indo diretamente ao seu espírito, as suas concepções fabulosas. Mas um enfoque relevante é o de que Emília é personagem de suas Fábulas e ela mesma, muitas vezes errada, reconhece, sendo ela própria a mensagem moral dessas suas engenhosas Fábulas.

Lobato deu cunho nacional também às Fábulas de Esopo ou Fedro, Hesíodo, La Fontaine, ao lado de suas próprias criações, de acordo com o espírito da obra. Com tais atitudes e mudanças, tornou-as graciosas, leves, humanizadas, eliminando o sistematismo árido e os requintes literários, clássicos e sofisticados.

O fabulário lobatiano é vivo, simples, com muito movimento e bom humor. Juntamente com incomparáveis adaptações que se compõe seu livro de Fábulas obtemos fábulas novas, de sua criação, como “Os Dois Viajantes na Macacolândia”, uma sátira de costumes. A Fábula “ A Cigarra e as Formigas” adquire uma nova concepção, de profunda penetração e sensibilidade, com amplitude e visão intelectual, tornando-a simpática e humana, sem aquela conceituação rígida de

incompreensão e de hostilidade sistemática. Transforma a visão das fábulas, tornando-a uma visão humana.

O Histórico e o Mitológico em Lobato

O mundo clássico para Lobato tinha seu valor, ele deu também às crianças o seu clima épico, heróico, ora conduzindo-as ao mundo fascinante da Mitologia Grega, ora trazendo ao seu “Sítio” e a elas esse mundo de aventuras e poesia. Resultado mais que óbvio, as crianças vibram e se entusiasmam com as peripécias de Dédalo, presos no labirinto de Creta; com as proezas de Hércules; com todo o complexo percurso através da velha e imortal Grécia. Novamente interiorizam-se nas estórias o pessoal do “Sítio”.

Ao lado de Hércules, companheiro das caçadas e monstros mitológicos. E lá estão os meninos, soltos por Creta e Atenas, ao lado de Hércules, Teseu e Heracles, a perseguir minotauros, leões e javalis, num delírio épico. Ao longo de suas aventuras, ninguém melhor para conhecer o Olimpo e toda a corte olímpica do que as crianças travessas do “Sítio”. E se conheceram o Olimpo, o paraíso pagão, melhor o fizeram com o Céu, porque a epopéia que as crianças escreveram em sua trajetória aventureira por toda a mitologia e história, era uma epopéia mista e o seu mundo foi o mais completo que já possuiu a sociedade infantil.

A linguagem lobatiana

Em seu conteúdo expressivo, a linguagem é das mais pitorescas que se pode encontrar em um livro infantil. Tipo de linguagem viva, colorida, sinestésica, explorando todas as formas de onomatopéias interessantes e originais. Lobato recria uma linguagem nova para as crianças: “A moda de dona Benta ler era boa: Lia ‘diferente’... e ficava o dobro mais interessante... para Pinóquio inventou uma vozinha de taquara rachada que era direitinho como o boneco deveria falar”... É obtida assim a lição de leitura com D. Benta.

Todo os expedientes da linguagem afetiva e todos os recursos do estilo infantil são inteligentemente manipulados na obra; sua caneta dá-nos a sensação de

varinha mágica que, ao tocar, transforma miraculosamente tudo em vida e ação, impregnando toda a obra de um animismo exuberante e contagiante.

A linguagem de Lobato recebe o milagre vital que a tudo anima; é o dínamo que aciona toda a sua obra; ele criou uma linguagem animada, recriando por meio de expressões audiovisuais. Seus recursos são simples e puras onomatopéias; são representações que se levantam de imediato no interior dos sentidos. Exemplos são nas atitudes de saborear jabuticabas: – “tloc”, para engulir – “pluf” para pôr fora o caroço. Lá estam as crianças reproduzindo as onomatopéias. Isto também é interessante como fenômeno lingüístico-fonético; isto é, recurso de língua. E tudo representando um precioso manancial para o estudo da Língua, Gramática, de modo interessante, agradável e alegre, porque, mais do que tudo, é imaginação, é exploração sinestésica, é operação “audiovisual”, pelos recursos gráficos. Isso é Literatura em sua plenitude, despertando a criança e introduzindo-a no mundo das letras.

A obra rica e multifacetada de Lobato ainda está por ser explorada, principalmente nos aspectos lingüístico-estilístico e no político.

Já na linguagem de Emília, é vista uma forma totalmente diferente, o reflexo da forma usufruída pelas crianças. É autêntica e criativa, não possui censuras como a dos adultos é, sem dúvida, uma das características que faz a criança se familiarizar ainda mais com suas obras.

Citação de Zinda Maria Vasconcelos:

*“(...) Por um lado, desmistifica-se a “certeza absoluta”, a “voz que sabe”, reforçando-se o caráter de julgamento pessoal dos ensinamentos transmitidos — aliás o narrador começa por não ser uma “autoridade”, não é onisciente, **também busca suas fontes**, cita autores, etc. Entre as interpretações e posições levantadas são feitas escolhas de algumas contra outras; “verdades” são defendidas, mesmo apresentadas como “conclusões históricas”, mas, na maioria das vezes, aparecem enquanto concepções pessoais e não como “fatos objetivos”. Tanto que muitas vezes os julgamentos de Dona Benta não coincidem com os das crianças, ou os destas diferem entre si”*

SÍTIO DO PICA-PAU AMARELO

Personagens

“ (...) a fantasia dos picapauenses, além da prática da liberdade de ação, significa a possibilidade do exercício crítico, desvelado quer pelas situações, quer pelos diálogos, quer pelas reflexões estabelecidas no contato com outros mundos – a intertextualidade serve de contraponto para o enriquecimento do texto lobatiano.”
(Eliana Yunes)

É de total importância a observação das personagens todo o tempo, pois a elas cabe, como protagonistas, toda a responsabilidade da ação, da comunicação e das mensagens.

Lobato se reflete em todas as suas personagens representativas e simbólicas: em cada uma das que centralizam a obra, existe uma parcela psicológica e moral do autor, ou a canalização alegórica de sua crítica.

Na obra infantil de Lobato existem dois tipos de personagens: as *permanentes*, que vivem ou moram no “Sítio” e dão unidade à obra. A mesmas personagens, num mesmo lugar, é que formam a unidade da obra; mas no estilo de Lobato, este foi além, criando não apenas uma obra, mas um mundo para a criança. E é esse mundo da criança que vai determinar a segunda categoria de personagens: as *ocasionais*, que estão sempre povoando o “Sítio”, ocasionalmente.

Dentro dessa dupla classificação de caráter exterior, encontram-se três aspectos: o *representativo*, o *simbólico* e o *mágico*.

As personagens representativas são aquelas que projetam o autor, representando aspectos de sua personalidade. A personagens simbólicas são as que revelam duas idéias, sociais ou políticas, seus pontos de vista, levantando a crítica, dentro da obra. O terceiro aspecto, personagens mágicas, é o intraduzível, representado pelo “pó de Pirlimpimpim”; caracteriza-se pela gratuidade da fantasia, no mundo da imaginação, mítico, onde tudo mergulha num universo mágico, além do tempo e do espaço, acima dos seres e das coisas, que a criatura não atinge, porque escapa à sua percepção limitada: são duendes, animais e seres animados, falantes e pensantes, Fadas, etc. Só as crianças possuem esse sentido e exploram essa

dimensão; só a elas cabe viajar as regiões extracartográficas, extraespaciais, e extratemporais, e viver os indescritíveis mundos mágicos.

No universo maravilhoso do “Sítio do Pica-Pau Amarelo” vivem os seus habitantes e para lá convergem todos os representantes da cosmografia infantil. Povoando-o da mais completa e rica representação da fantasia. E cada estória é uma página da história desse pequeno universo, tão grande em sua incomparável riqueza. Lá todos têm o seu papel, a sua participação; e uma coisa é certa e infalível: dentro do mundo picapauense cada um procura ocupar proveitosamente sua inteligência. Cada um a seu modo, num afã construtivo, trabalhando e brincando; todos estão sempre em contínuo movimento de curiosidade e de interesse: sempre buscando novas formas de descobrir e saber.

Monteiro Lobato usufrui o irreal de suas obras para expressar o real do cotidiano e de sua própria vivência. Cada personagem de Lobato possui um significado único e ligado diretamente ao escritor.

As personagens representativas do Sítio são divididas em humanas, animais e místicas.

Os *humanos* são: Tia Nastácia, Tio Barnabé, Pedrinho, Dona Benta e Narizinho.

Os *animais* são: Quindim, Marquês de Rabicó e Cuca.

Os *místicos* são: Emília, Saci e Visconde de Sabugosa.

Humanos

Tia Nastácia - Ao criar um personagem inspirado em uma empregada, Lobato transferiu para o Sítio a estrutura familiar burguesa, dependente da criadagem para tudo.

A negra, gorda, responsável pela cozinha do Sítio existiu na vida de Lobato. Foi ela pajem de seus dois primeiros filhos, quando a família morava na fazenda Boquira. Seu nome: Anastácia.

Lobato foi chamado de racista ao criá-la, como pode criar além de preta, ignorante. Não entenderam, porém, que não havia nada disso. Com ela foi possível trazer as lendas e mitos do nosso folclore, resgatando o que está na origem do nosso povo.



Tio Barnabé - Negro de mais de 80 anos, ora em um riacho coberto de sapê junto da ponte. É um negro sabido, entende de todas as feitiçarias e de Saci, Mula-sem-cabeça, Lobisomem, etc.

Adora contar histórias. Quando aparece em primeiro plano é para demonstrar a sabedoria popular. Através dele e de Tia Nastácia que Lobato coloca o folclore Brasileiro nos livros.



(Ator representando a personagem do Tio Barnabé)

Narizinho - Encarna as irmãs de Lobato com as quais brincava na fazenda dos pais. Foi um complemento, a companheira de Pedrinho. Essencial que fosse prima, pois primos se dão melhor que irmãos.

Representa o sonho da adolescência, a menina que se deslumbra perante as novidades. Lúcia a menina de nariz arrebitado era a meiguice, a delicadeza e a energia que impressionava Lobato. Intuitiva retrata bem a personalidade feminina ideal.

A idéia do romantismo nos livros de Lobato aparece com Narizinho, em um tempo em que as mulheres deviam ser prendadas. A menina de nariz arrebitado além de prendada era estudiosa e retrata bem as qualidades das mulheres nos tempos atuais.



Dona Benta – Para Lobato a avó boa era a dos outros. A real avó de Lobato era severa e possuía características proeminentes da avó do Sítio.

Quando era aluno interno do Colégio Paulista, Lobato possuía um carinho especial por uma avó de seus amigos. Ele acompanhava com interesse a correspondência entre seu amigo e sua vó. Cartas e lembranças carinhosas, a avó Benta era boa e dava conselhos, fazia recomendações.

Ao colocar a avó no Sítio, Lobato quis realçar a figura amiga e confidencial da avó desejada por toda criança. Uma avó iluminista, dona de um sítio para passar as férias.

Dona Benta também foi projeção do próprio avô Bento Lobato, cheio de histórias para os netos.

Nilce Sant’Ana Martins faz as seguintes afirmações:

“ Apesar de se apresentarem histórias, aventuras vividas por um grupo de personagens, a parte expositiva da narração é bastante restrita. O autor reduz ao mínimo a sua participação de narrador, passando a palavra a suas personagens. Quase se pode dizer que suas obras são mais dramáticas do que narrativas (...). Nas obras em que a composição narrativa é mais sensível é D. Benta que se incumbem da exposição, de modo que os ouvintes, isto é, as demais personagens lobatianas, podem ter uma participação ativa através de perguntas e apartes. Com eles, também os pequenos leitores participam mais vivamente dos acontecimentos. (...) ”

“ A valorização da inteligência e da cultura é um dos objetivos mais evidentes em toda a obra de Lobato. Dona Benta simboliza a importância do saber e da curiosidade intelectual. Sua biblioteca não só incluía as obras-primas da literatura, desde os poemas homéricos até os grandes prosadores do começo deste século, como também obras de ciência, até mesmo tratados de álgebra em que se comprazia o sábio Sabugosa. E a culta senhora ia inoculando nos netos o gosto pela

leitura, lendo para eles, à sua maneira especial, as obras que ia recebendo, e fazendo referências aos grandes escritores que poderiam ler quando crescessem.”



Pedrinho – Este personagem é o Pedrinho Reinador do Colégio Paulista. O neto querido da avó Benta. Da roça, o Pedrinho das aventuras, das caçadas era o Pedrinho de Castro e também o Juca Lobato. Lobato era o neto do Visconde e não podia ser “Pedrinho”. Este teria de ser outro menino de verdade. Estórias do Pedrinho dos livros são as mesmas contadas pelo Pedrinho de Castro ou Juca Lobato.

Demonstrava a valentia perante os medos infantis.



Animais

Marquês de Rabicó - Assim chamado por possuir um toquinho de cauda. E o Marquês é devido ao seu noivado com Emília. Desejado por no forno pela Tia Nastácia, mas salvo, pois, desde pequeno, sempre foi à companhia de Narizinho.

Sua função característica nas histórias é a gula.

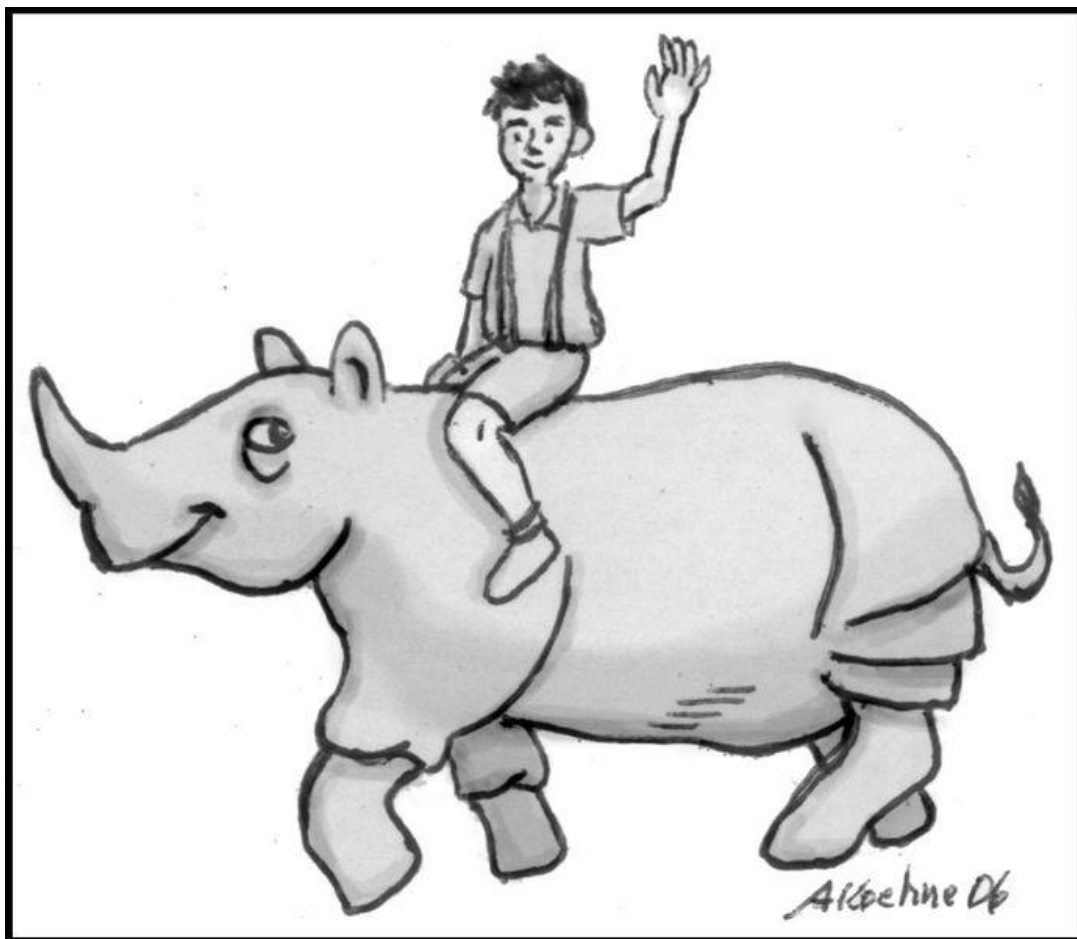
Laura Sandroni explica a sua finalidade:

“Rabicó é o “mau caráter” do bando. Capaz de fugir nas horas de perigo, comer o que não deve nos momentos mais importunos. Nem por isso, no entanto, é menos querido, aproveitando aí Lobato para colocar-se contra a dicotomia bom X mau tão característica da literatura destinada a crianças, sobretudo na época em que ele escreveu.”



Quindim - Lobato queria um animal diferente daqueles que as crianças já conheciam. E este é o motivo pela criação de um Rinoceronte em suas histórias. Quindim logo que nasceu foi levado pelo circo, mas não gostava dessa vida. Acabou fugindo e escolhendo o Sítio como nova moradia.

Para Lobato ele simboliza a brutalidade humana.



Cuca - Personagem do folclore Brasileiro, presente também, como um elemento nas cantigas de adormecer.

A Cuca é uma jacaré muito má que adora aterrorizar a vida de todos, principalmente dos netos de Dona Benta. Essa bruxa mora em uma caverna perto do reino das águas claras onde fica bolando seus planos maquiavélicos.

A Cuca do Sítio morre de medo de água e tem como característica o cheiro forte de enxofre, e basta ver uma gota de água para fincar o pé no mundo. Já transformou Narizinho em pedra e quase Visconde vira pipoca e suas mãos. Dona de poderes mágicos, Cuca é vaidosa e adora aprontar com todos.



Místicos

Visconde de Sabugosa - Manifestação do sábio, do homem de idéias e de ação que todo menino deseja ser na maioridade. O Visconde de Tremembé (avô materno de Lobato) Também era um homem de idéias e muita ação.

Ao criar este personagem, Lobato achou uma forma de vincular as verdades científicas da época à abordagem de problemas da atualidade.

A forma de ser sabugo é relativa a sua recorrência a memória. As crianças do Vale do Paraíba, onde Lobato vivia na infância, tinham como um de seus brinquedos favoritos sabugos de milho personalizados como bonecos.

Visconde é provido de tamanha cultura e inteligência, pois um dia caiu atrás da estante de livros e lá ficou esquecido por dois meses. Os livros embolorados impregnaram suas ciências e conteúdos no sabugo, assim tornando-o pelo que é conhecido.



Saci – Nasceu devido Lobato ser encantado desde a infância com a lenda do Saci. Conhecido como um negrinho risonho, de uma perna só, com capuz vermelho e sem órgãos para fazer suas necessidades. Costuma ter 3 dedos na mão e consegue ficar invisível. Aprecia fumar cachimbo e soltar a fumaça pelos olhos. Dependendo do humor pode ajudar a encontrar objetos perdidos. Para dominá-lo, é preciso, antes de tudo, roubar seu capuz.



Emília - Depois de todos os personagens pré-estipulados, Lobato viu que faltava um que preenchesse o “vazio” deixado pelos demais. Da saia velha da Dona Benta, das mãos da costureira Nastácia, ela nasceu; a boneca gente, uma criatura incompreensível, espreitada, um tanto cigana, faz coisas de louca, e também coisas que espantam a gente, de tão ousadas. Sempre imaginando novidades, firma numa verdade e é difícil torcê-la. Mas nasceu muda como peixe, e com as pílulas do doutor Caramujo começou a falar sem parar suas verdades, franquezas, mesmo quando a verdade e franqueza soam como mau criação.

Lobato com Emília diz tudo o que ele e o povo pensa sem censuras ou ponderações. Representa a verdade das opiniões e concepções do escritor.



Ana Maria Filipouski faz menção de Emília referendo-se a Lobato em seu total contexto:

“Livre de censura, sem coleiras, a obra infanto-juvenil lobatiana apresenta dois níveis distintos: num deles, a criança pergunta e recebe informações que a instrumentam para a crítica; no outro, vê criticamente aspectos reais, os quais têm como característica infantil a absoluta falta de limites com acontecimentos irrealis. Tudo é possível. As noções de tempo e espaço são eliminadas. Tudo é natural, nada é sonho, ou melhor, o próprio sonho é vivido e não sonhado. (...) o faz-de-conta de Emília substitui a varinha mágica já gasta das velhas fórmulas européias. Assim, os contos de fadas, distantes da realidade infantil, cuja estrutura desgastada foi, como vimos, questionada pelas próprias personagens do sítio, e nascem com outra roupagem e se tornam mais próximos, emancipadores.”

Pó de Pirlimpimpim

Cada qual com sua história; é esse o modo que Lobato tinha de escrever e inventar. Obras contextualizadas, independentemente se de sua criação ou adaptações, em todas havia um vínculo, fosse ele o mais sutil.

Como fazer as personagens do “Sítio” se transportarem tanto? Deveria ser de um modo mágico, e logo a solução estava defronte Lobato.

Este meio de transporte se chamava Pó de Pirlimpimpim. Fazia parte desse universo maravilhoso, desde que Peninha, o Peter Pan, o trouxe da fantástica Terra do Nunca. Ele é o veículo mágico, símbolo da fantasia que existe em todos e que sua necessidade é generalizada em algumas pequenas doses. Ele permite a evasão das crianças por regiões fantásticas, possibilitando a realização de seus sonhos de pequenos nômades. Trata-se do pó mais mágico que as fadas inventaram, que deixa a pessoa leve como pluma, tonta, dá uma zoeira nos ouvidos e conduz ao País das Fábulas e ao Mundo das Maravilhas. Mas deve-se tomar cuidado para não molhar o pó com água salgada, pois cessa o efeito. A “varinha mágica” tornou-se mais convincente, representada pelo “pó de Pirlimpimpim”, aspirado e agindo como se fora uma grande descoberta científica.

Após Peter Pan ter deixado o pó com o pessoal do “Sítio”, este foi o modo adquirido para todas as aventuras.

Abaixo uma ilustração de como aconteciam as “viagens” com o pó.



LOBATO & CIA

Jeca Tatu

"O caboclo é o sombrio urupê de pau podre (...) Só ele não fala, não canta, não ri, não ama. Só ele, no meio de tanta vida, não vive." [sobre Jeca Tatu]

(Lobato, Urupês, 1ª edição, 1918)

"Está provado que tens no sangue e nas tripas um jardim zoológico da pior espécie. É essa bicharia cruel que te faz papudo, feio, molenga, inerte. Tens culpa disso? Claro que não." [sobre Jeca Tatu]

(Lobato, Urupês, prefácio à 4ª edição, 1919)

O Jeca Tatu é seu personagem-símbolo. Preguiçoso e adepto da "lei do menor esforço", Jeca era completamente diferente dos caipiras e indígenas idealizados pelos romancistas como, por exemplo, José de Alencar.

Criado em "Urupês", a imagem do caboclo em que Lobato acentua a ignorância e a preguiça do habitante do interior, caracterizando-o como "sacerdote da Grande Lei do Menor Esforço", aquele que vive do que a natureza dá, sem gastar energia para alcançar qualquer objetivo na vida. Concluindo que "*o caipira não é assim mas está assim*", Lobato redefine, num tom diametralmente oposto ao dos artigos de 1914, "Urupês" e "Uma velha praga", o perfil de seu personagem: indolente não pela sua natureza genética ou racial, mas sim pela falta de condições de higiene e saúde. Assim ele obtém a oportunidade de fazer a crítica necessária e direta aos representantes do país, demonstrando que a culpa disto era deles e não do pobre caboclo, designado preguiçoso.

Lobato em sua fazenda deparou-se com a situação de "indolência do caboclo". Tentou descobrir as causas da dificuldade de adaptação e chegou a várias conclusões. A base de muitos não é a preguiça, e sim subnutrição, as condições do ambiente. E criou Jeca Tatu, a imagem do caboclo. Lobato na fazenda de seu pai conheceu Nhá Gertudes, velhinha que vivia falando de seu neto que significava a ela um tesouro.

Decorrido um tempo, Jeca apareceu na fazenda, feio, magro e arisco. Mais tarde quando Lobato precisava de um nome para o seu projeto de camponês e Jeca o veio em mente.

Na hora de colocar o nome, Lobato recebeu um agregado em sua fazenda que contou que na encosta, havia uma toca de tatus. Como Jeca morava numa toca, concedeu o nome Jeca Tatu.

Em todos os relatos, Jeca Tatu era rotulado erroneamente.

“ Além de preguiçoso, bêbado; e além de bêbado, idiota, era o que todos diziam”.

(Lobato, Jeca Tatuzinho, 1924)

Até que, no discorrer da história, a explicação é obtida a partir de uma consulta médica que Jeca Tatu sofre:

“Amigo Jeca, o que você tem é doença. - Pode ser. Sinto uma cansaça sem fim, e dor de cabeça, e uma pontada aqui no peito, que responde na cacunda. - Isso mesmo. Você sofre de ancilostomíase. - Anci... o que? - Sofre de amarelão, entende? Uma doença que muitos confundem com a maleita. - Essa tal maleita não é sezão? - Isso mesmo. Maleita, sezão, febre palustre ou febre intermitente: tudo a mesma coisa. A sezão também produz anemia, moleza e esse desânimo do amarelão; mas é diferente. Conhece-se a maleita pelo arrepio ou calafrio que dá, pois é uma febre que vem sempre em horas certas e com muito suor.”



(Ilustração feita por Lobato)

Perante o imenso sucesso de Jeca Tatu e ao alerta para a sociedade, Lobato segue com as histórias dessa personagem. Cria anos após o Jeca Tatuzinho, personagem para introdução na vida das crianças. Lançado em 1924, o livro Jeca Tatuzinho veio ensinar noções de higiene e saneamento às crianças, por meio do personagem-símbolo criado por Monteiro Lobato.

Oferecido anteriormente (1920) a seu amigo Cândido Fontoura para promoção dos produtos do laboratório Fontoura Serpe & Cia, em especial do Biotônico, chegaria a 100 milhões de exemplares no centenário de nascimento do escritor. Considerada a peça publicitária de maior sucesso na história da propaganda brasileira. Instituído pela agência CBBA - Castelo Branco e Associados, representou uma homenagem "à obra-prima da comunicação persuasiva de caráter educativo, plenamente enquadrada na missão social agregada ao marketing e à propaganda".



(Capa da obra Jeca Tatuzinho)



Obras

Lobato possui uma célebre lista de obras. Estas se definem por obras “adultas”, “infanto-juvenis” e adaptações.

Abaixo, seguem os títulos das obras.

- O Saci Pererê: resultado de um inquérito (1918)
- Urupês (1918)
- Problema vital (1918)
- Cidades mortas (1919)

- Idéias de Jeca Tatu (1919)

- Negrinha (1920)
- A onda verde (1921)
- O macaco que se fez homem (1923)
- Mundo da lua (1923)
- Contos escolhidos (1923)
- O garimpeiro do Rio das Garças (1924)
- O choque (1926)
- Mr. Slang e o Brasil (1927)
- Ferro (1931)
- América (1932)
- Na antevéspera (1933)
- Contos leves (1935)
- O escândalo do petróleo (1936)
- Contos pesados (1940)
- O espanto das gentes (1941)
- Urupês, outros contos e coisas (1943)
- A barca de Gleyre (1944)
- Zé Brasil (1947)
- Prefácios e entrevistas (1947)
- Literatura do minarete (1948)
- Conferências, artigos e crônicas (1948)
- Cartas escolhidas (1948)
- Críticas e Outras notas (1948)
- Cartas de amor (1948)

Alguns livros infantis foram incluídos, posteriormente, nos livros da série *O Sítio do Picapau Amarelo*. Os primeiros foram compilados no volume *Reinações de Narizinho*, de 1931, em catálogo apenas como tal até os dias atuais.

- 1920 - A menina do narizinho arrebitado
- 1921 - Fábulas de Narizinho
- 1921 - Narizinho arrebitado (incluído em “Reinações de Narizinho”)
- 1922 - O marquês de Rabicó (incluído em “Reinações de Narizinho”)
- 1924 - A caçada da onça

- 1924 - Jeca Tatuzinho
- 1924 - O noivado de Narizinho (incluído em “Reinações de Narizinho”, com o nome de O casamento de Narizinho)
- 1928 - Aventuras do príncipe (incluído em “Reinações de Narizinho”)
- 1928 - O Gato Félix (incluído em “Reinações de Narizinho”)
- 1928 - A cara de coruja (incluído em “Reinações de Narizinho”)
- 1929 - O irmão de Pinóquio (incluído em “Reinações de Narizinho”)
- 1929 - O circo de escavalinho (incluído em “Reinações de Narizinho”, com o nome O circo de cavalinhos)
- 1930 - A pena de papagaio (incluído em “Reinações de Narizinho”)
- 1931 - O pó de pirlimpimpim (incluído em “Reinações de Narizinho”)
- 1933 - Novas reinações de Narizinho
- 1938 - O museu da Emília

Coleção "Sítio do Picapau Amarelo"

- 1921 - O Saci
- 1922 - Fábulas
- 1927 - As aventuras de Hans Staden
- 1930 - Peter Pan
- 1931 - Reinações de Narizinho
- 1932 - Viagem ao céu
- 1933 - Caçadas de Pedrinho
- 1933 - História do mundo para as crianças
- 1934 - Emília no país da gramática
- 1935 - Aritmética da Emília
- 1935 - Geografia de Dona Benta
- 1935 - História das invenções
- 1936 - Dom Quixote das crianças
- 1936 - Memórias da Emília
- 1937 - Serões de Dona Benta
- 1937 - O poço do Visconde
- 1937 - Histórias de Tia Nastácia
- 1939 - O Picapau Amarelo

- 1939 - O minotauro
- 1941 - A reforma da natureza
- 1942 - A chave do tamanho
- 1944 - Os doze trabalhos de Hércules (dois volumes)
- 1947 - Histórias diversas

Voltolino

Lemmo Lemmi nascido dia 13 de Julho de 1884 - São Paulo SP - Filho do escultor italiano Ernesto Lemmi, que trabalhou na construção do Monumento do Ipiranga em São Paulo.

Em 1896 - Pisa (Itália) - estudou desenho em um liceu profissional. Neste mesmo ano, trabalhou em alguns pequenos periódicos onde assumiu o pseudônimo de Voltolino. Em 1920 - São Paulo SP - ilustrou o livro *A Menina do Narizinho Arrebitado* de Monteiro Lobato. Dois anos após, em 1922 ilustrou o livro *O Marques de Rabicó* obra de Lobato também.

Foi um caricaturista, ilustrador e desenhista brasileiro, sendo o primeiro a dar forma as personagens de Lobato, dentre elas, todos do “Sítio”.

Morreu em São Paulo no dia 22 de agosto de 1926.



(Ilustração de Voltolino)



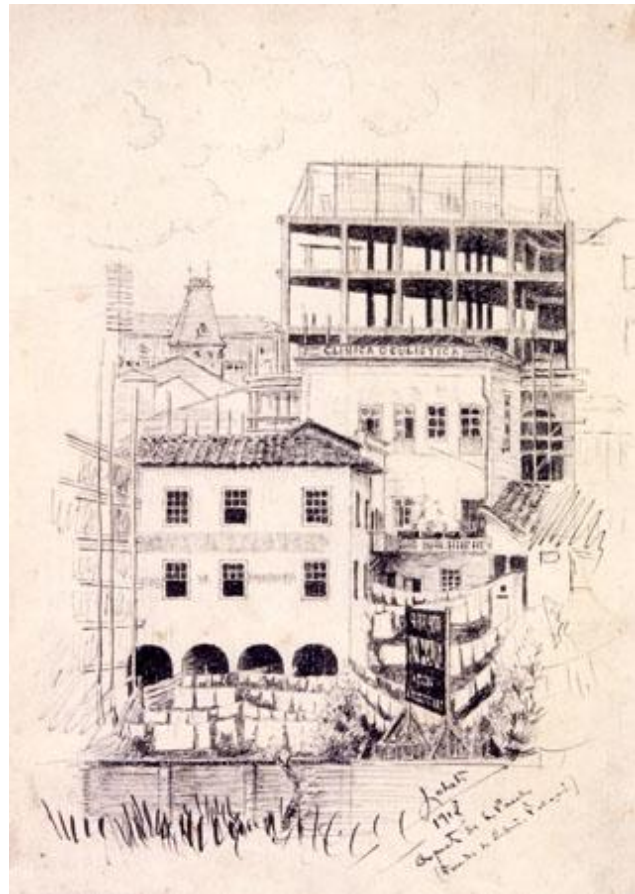
(Ilustração de Voltolino. **A menina do narizinho arrebitado**)

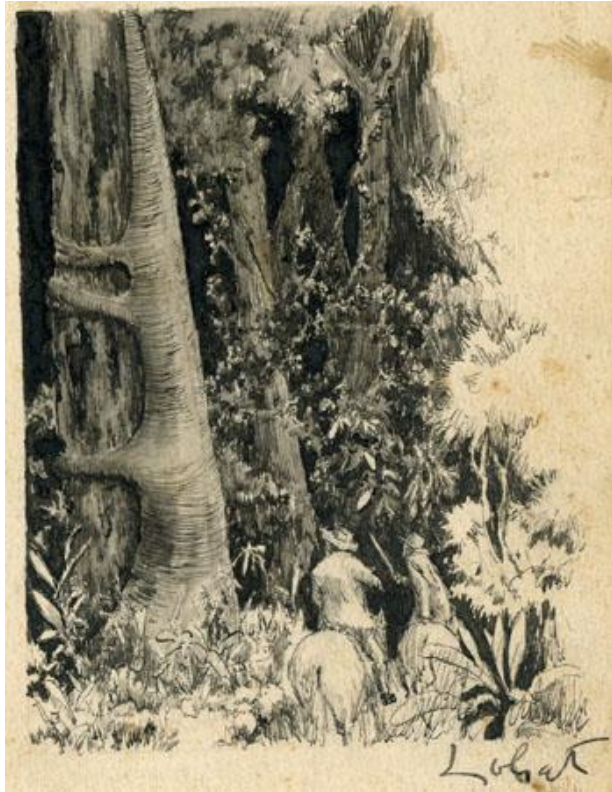
O escritor e pintor

"No fundo não sou literato, sou pintor. Nasci pintor, mas como nunca peguei nos pincéis a sério (...) arranjei este derivativo de literatura, e nada mais tenho feito senão pintar com palavras".

(Lobato, Carta a Godofredo Rangel, Areias, 6/7/1909)

Monteiro Lobato jamais escondeu sua paixão pela pintura e gostaria de ter cursado uma escola de Belas Artes. Por imposição do avô, seu tutor após a morte dos pais, acabou entrando para a Faculdade de Direito. Desistiu das artes plásticas e se fez escritor, numa transposição vocacional com reflexos em toda sua obra. Na década de 1910 tornou-se um dos mais importantes críticos de arte na cidade de São Paulo.



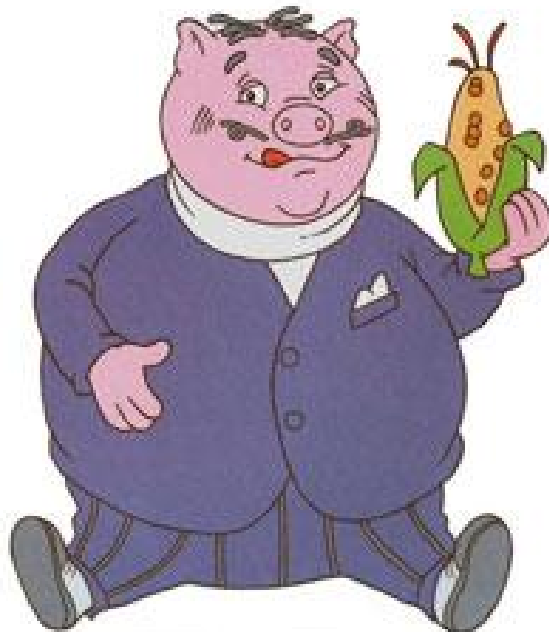


Novas ilustrações das personagens

Cada personagem do “Sítio” foi modificada com o tempo. Algumas pelo motivo da grande exposição, e outras dentre diversos motivos.



(Emília)



(Marquês de Rabicó)



(Dona Benta)



(Tia Nastácia)



(Narizinho)



(Pedrinho)



(Visconde de Sabugosa)



(Tio Barnabé)



(Quindim)



(Saci)



(Cuca)

Álbum de fotos

Fotos significativas de Lobato.



(Lobato com 4 meses de vida)



(Lobato aos 13 anos de idade)



(Lobato aos 18 anos de idade)



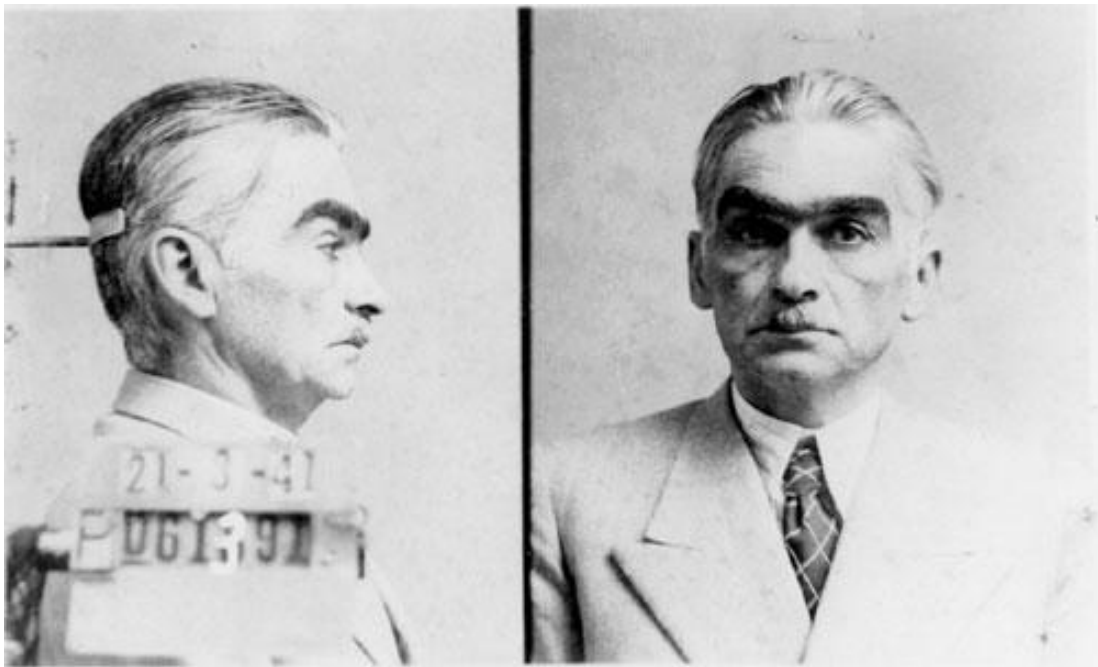
(Lobato aos 45 anos de idade)



(Lobato aos 60 anos de idade)



(Lobato com a mulher e seus filhos)



(Prontuário da polícia política - 1941)

Citações

Alguns autores, críticos dentre muitas outras pessoas, aderiram de algum jeito Monteiro Lobato em seu currículo.

Abaixo seguem algumas citações que se somam as já usadas no trabalho.

“(...) não foi difícil perceber que havia em toda produção lobatiana uma forte vertente em informar e formar como perspectiva educacional. Suas histórias trazem inovações que vão desde o projeto de formação de uma denominação — fortemente inscrito na personagem Jeca-Tatu, a uma pedagogia cultural versada na inteligência e no imaginário — difundida pelo fantástico mundo do Picapau Amarelo”

(Fabiana Aparecida de Carvalho)

“(...) a leitura não está, ainda, inscrita no texto (...) não há, portanto, distância pensável entre o sentido que lhe é imposto (...) e a interpretação que pode ser feita por seus leitores; conseqüentemente, um texto só existe se houver um leitor para lhe dar um significado.”

(Roger Chartier)

“Todos os grandes autores devem ser reinterpretados, não apenas porque a crítica para isso continua existindo, mas porque a capacidade de suscitar novas interpretações (diversas ou conflitantes) é uma prova da grandeza da obra.”

(Leyla Perrone-Moisés)

“Quanto aos livros a recomendar... Que coisa difícil! Para cada temperamento, para cada personalidade que somos, tais os livros. Eu já disse não sei onde, que temos de ser ímãs; e passar de galopada pelos livros, com cascos de ferro imantado, para irmos atraindo o que nas leituras nos aproveite, por força de misteriosa afinidade com o mistério interior que somos. Ler não para amontoar coisas, mas para atrair coisas. Não coisas escolhidas conscientemente, mas coisas afins, que nos aumentem sem o percebermos. (...)”

Mas acho que deve ler a Coleção Espírito Moderno, da Editora Nacional. São obras bem escolhidas, em que há muita coisa que os nossos cascos imantados atrairão.

Talvez o que você goste em mim seja isso – essa coleta que em inumeráveis leituras, desde mocinho, meus cascos fizeram instintiva ou inconscientemente. E como o método deu resultado para mim, bem possível que também o dê para você, que tem muitas afinidades comigo.(...)

Em suma: é preciso que você passeie pelo pensamento escrito dos grandes homens, das grandes inteligências, não para acumular como um museu o que eles dizem, mas para ir assimilando umas essências afins e construtoras do teu Ego mental.(...)

Resumirei dizendo: crie um instrumento de expressão; estilo; e aprenda a pensar por si. O resto vem por si. “

(Monteiro Lobato)

“Monteiro Lobato foi o primeiro escritor brasileiro a acreditar na inteligência da criança, na sua curiosidade intelectual e capacidade de compreensão”

(Laura Sandroni)

“Ler para mim sempre significou abrir todas as comportas para entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência dos personagens...Ler foi sempre maravilha gostosuras, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível...E continua, lindamente, sendo exatamente isso!”

(Fanny Abramovich)

“Depois da ruptura iniciada por Monteiro Lobato, libertando a Literatura infantil daquele ranço pedagógico-didático, do qual muitos ainda não se desfizeram, a Literatura Infantil Brasileira tomou grande impulso, diversificando-se, ampliando temáticas, até culminar com a explosão dos anos 70. “

(Cardoso)

Conclusão

A Literatura, em especial a infantil tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de seguir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto. Ela é fundamental para o crescimento intelectual da criança, porque, ela permite no decorrer do desenvolvimento, a possibilidade de experimentação de várias sensações.

A presença de Monteiro Lobato na vida de cada pessoa é relevante. Lobato, como foi apresentado ao decorrer deste trabalho, teve uma influência notória na literatura e na história, propiciando mudanças e melhorias para um melhor modo de vida. Pioneiro na Literatura-infantil mostrou às crianças um mundo inovador, com fins pedagógicos por meio de suas características de escrever: o uso sem fronteiras da imaginação e criatividade.

Lobato teve uma vida turbulenta e sofreu para atingir seus objetivos como cidadão. Teve represálias, porém, marcou a história da literatura e da política. Sua importância é algo primordial e seus feitos são de grande valia. Fundiu o aprender com o prazer e mostrou que a criança não é um adulto em miniatura, tem seus sentimentos, dúvidas, pensamentos, contradições. O mundo que Lobato criou proporcionou a criança uma aprendizagem única e imensurável.

Este trabalho conclui-se com uma citação de Nelly Novaes Coelho que questiona o que Lobato demonstrou que se pode fundir.

“(...) a Literatura Infantil pertenceria à arte literária? ou à área pedagógica? Controvérsia que vem de longe: tem raízes na Antigüidade Clássica, desde quando se discute a natureza da própria Literatura (útil ou dulce? isto é, didática ou lúdica?) e, na mesma linha, se põe em questão a finalidade da literatura destinada aos pequenos. Instruir ou Divertir? Eis o problema que está longe de ser resolvido.”

Referências Bibliograficas

BAMBERGER, Richard.; Como incentivar o hábito de leitura, 2ª edição, Editora Ática 1986, p.22-30.

CARVALHO, [Bárbara Vasconcelos de](#); A literatura Infantil – Visão Histórica e Crítica, 4ª edição, Editora Global, 1985, p. 133-171.

COELHO, [Nelly Novaes](#).; A Literatura Infantil, 1ª edição, Editora Edições Quíron LTDA, 1981, p. 354-375.

ROSA, Nereide Schilaro Santa.; Biografias Brasileiras – Monteiro Lobato, 1ª edição, Callis Editora LTDA., 2000.

<http://memoriaviva.digi.com.br/mlobato> acesso em 2011.

<http://www.taubate.com.br/museu> acesso em 2011.

<http://lobato.globo.com/> acesso em 2011.

<http://www.unb.br/fac/ncint/site/parte43.htm> acesso em 2011.